

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

TATIANA MOREIRA ALVES

FEMME 7.83 - PALAVRAS ME DÃO ASAS

UBERLÂNDIA

2019

TATIANA MOREIRA ALVES

FEMME 7.83 - PALAVRAS ME DÃO ASAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes, da Universidade Federal de Uberlândia como exigência para o título de bacharel em Artes.

Orientador: Dr. Marco Pasqualin de Andrade, UFU/MG

UBERLÂNDIA

2019

FEMME 7.83 - PALAVRAS ME DÃO ASAS

Trabalho de conclusão de curso
aprovado para obtenção do título de
bacharel em Artes do Instituto de Artes
da Universidade Federal de Uberlândia
(MG) pela banca examinadora formada
por:

Uberlândia, 09 de julho de 2019.

Pof. Dr. Marco Pasqualin de Andrade, UFU/MG

Pof^a Dr^a. Georgia Armitrano, UFU/MG

Pof^a Ms. Clarissa Borges, UFU/MG

*À minha mãe Marisa Moreira, meu Filho Angelo Gabriel e à Paulo Lima Buenoz,
dedico.*

AGRADECIMENTOS

Demorei para entrar no curso de Artes visuais, foi aos 39 anos, antes estudei em um curso técnico de 3 anos de Medicina chinesa, fui Acupunturista e shiatsu-terapeuta (massagem japonesa), trabalhei em consultório por cinco anos como terapeuta. Sonhava com Arte, não porque queria desenhar, mas porque toda vez que ia em alguma exposição de Arte contemporânea, sentia algo mexer comigo, e me fazia pensar. Algo como sair desse lugar comum, do cotidiano que nos cerca. Ingressei no curso de Arquitetura por dois semestres, em instituição particular, que era o mais próximo que podia chegar das Artes Visuais. Amei história da Arquitetura, e Arquitetura sustentável, mas não me via arquiteta.

Então entrei na UFU em 2014, no curso de Artes, e minha trajetória logo no começa já indicava meu trabalho com o Corpo. Fiz vários exercícios propostos e gostei muito. Gostei de todos os professores e teci boas relações com eles, me senti em casa.

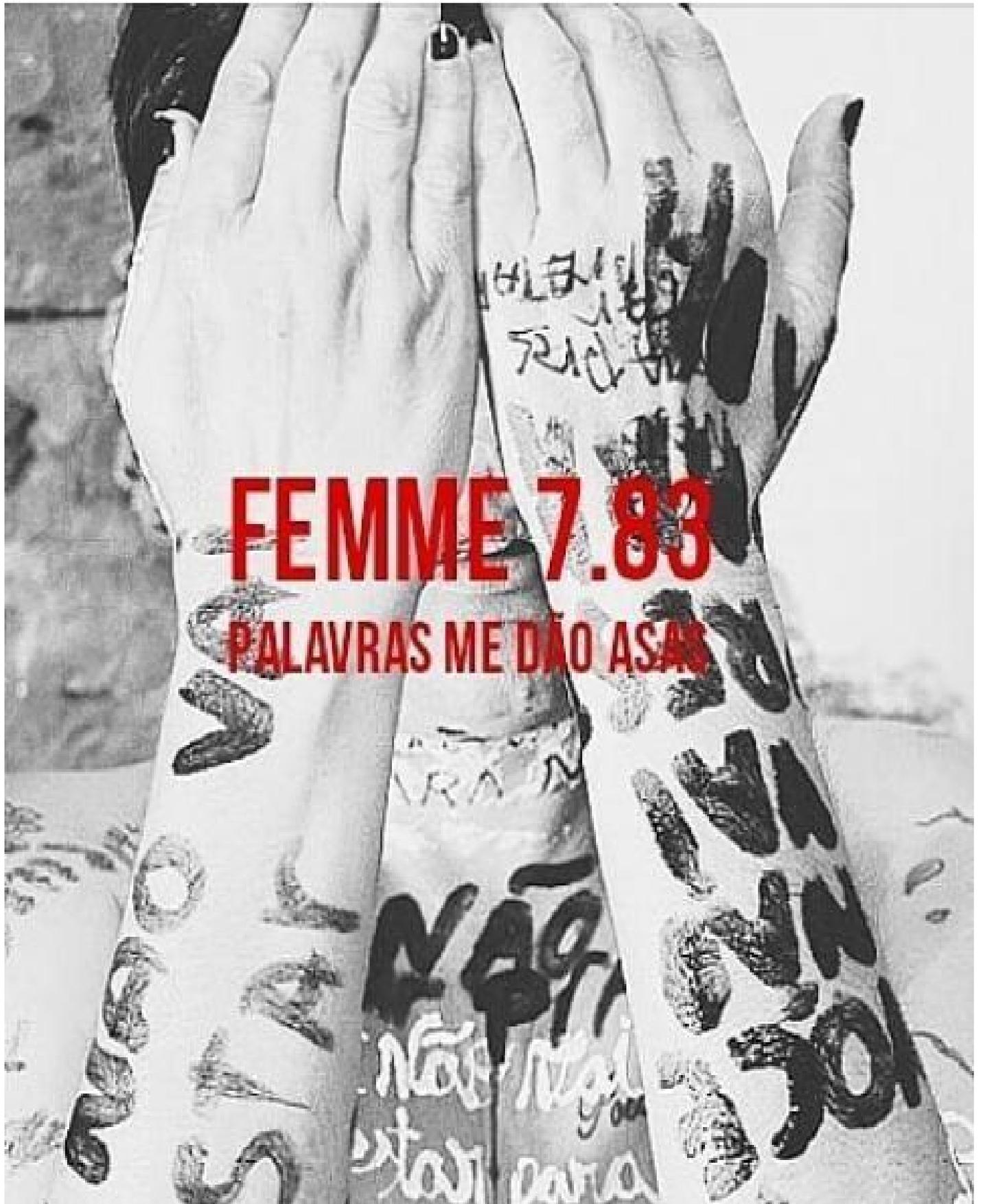
Quero agradecer pelos bons encontros e oportunidade de aprender mais, de abrir a mente, soltar minha criatividade, me conhecer mais como pessoa, e vislumbrar uma carreira de Artista, vendo que não é tarde demais, mesmo pela questão da idade.

Agradeço a todo corpo Docente pelo cuidado e olhar, e de como me motivaram a ir mais longe, lançando desafios e me orientando.

Em especial ao Professor Paulo Lima Buenoz que orientou boa parte do percurso no meu trabalho de conclusão, em que desenvolvi um trabalho potente. Suas aulas me abriram horizontes para o afeto, corpo e sensações na Arte contemporânea. Marco Andrade (meu atual orientador) sempre aulas muito boas de História. da Arte contemporânea. Clarissa Borges, professora de fotografia, explorando Arte e feminismo em suas aulas levantando questões como a importância da mulher na história da Arte. Devo muito ao grupo de estudos Arte e Feminismo que ela criou, foi um espaço onde pude buscar inspiração para meu trabalho também. Agradeço por ela me elucidar em minhas dúvidas, sinalizando um caminho com informações úteis, para a trajetória Acadêmica. Ao coordenador professor Paulo Angerami pela disposição, e boas conversas.

—*Nos imaginamos livres, porque ignoramos as causas que nos determinam.*

Spinoza.



Fotografia Registro Thiago Paulino Femme 7.83 Palavras me dão asas

Motivo

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste :
sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.*

*Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
– mais nada*

Cecília Meireles

Resumo

Femme 7.83 palavras me dão Asas, surge do meu olhar sobre a contemporaneidade, vindo da Poesia. Este trabalho desconstrói a dor de espinhos que atravessam o corpo “sem órgãos”, que sente tanto, sente muito, por uma busca de apagamento do que nos é imposto, do existir e tornar-se mulher, as marcas de um corpo, em sua poética mais sensível, é corpo político, que constrói um novo discurso, a cada apagar, e renovando as marcas, se descobrindo em ressonância com a Terra, desabrochando em sua identidade. Neste sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso, mostra meu percurso como aluna no curso de Artes, o processo de preparação da obra, a exposição em 2018, relação com a filosofia, a literatura, e o Feminismo em Performance. Os bons encontros, e do resultado desses encontros, de um corpo que pede obra, pode-se dizer que houve a necessidade dele ser a obra, partindo de um Devir poesia, em sua potência, a obra é para afetar, e a quem se deixar afetar, neste mundo sensível, nesse nosso tempo agora. Não foi o objetivo de o trabalho fazer uma análise psicanalítica, mas sim trazer pesquisas pelos caminhos da Arte, com um referencial teórico pautado por Deleuze, que expande os horizontes, com o “Anti-Édipo”, “Elektra”, por meio do qual pude ter mais percepção do corpo imanente, e dos afetos. Lanço mão também da obra de Simone de Beauvoir, “Segundo sexo”, que é existencial, hegeliana (Ernst Hegel, filósofo do século XIX), trata-se de um corpo transcendente, de um devir outro. O processo da obra aqui produzida, não é terapêutico, seu resultado é reproduzir reflexões, e discussões em torno da obra e no que ela nos afeta.

Palavras-chave: Poesia. Performance arte. Corpo político. Feminismo.

Abstract:

Femme 7.83 - words give me Wings, comes from my look on the contemporary, coming from Poetry. This work deconstructs the pain of thorns that cross the body without an organ that feels so much, feels sorry for a search for erasure of what is imposed on us, to exist and become a woman, the marks of a body, in its most sensitive poetics is a political body, which constructs a new discourse every erasing and renewing the marks, to discover itself in resonance with the Earth, to blossom in its identity. This paper shows my career as a student in the Arts course, the process of preparation of the work, the exhibition in 2018, the relationship with philosophy, literature and the phallus of Feminism in Performance. The good meetings, and the result of these meetings, of a body that asks for work can be said that it was necessary to be the work, starting from a poetry, in its potency, the work is to affect, and to whom to leave affect, in this sensitive world, in our time, now. It was not the purpose of the work to make a psychoanalytical analysis, but rather to search for the paths of Art, with a theoretical framework guided by Deleuze, which expands horizons with the "Anti-Oedipus", "Elektra", through which I could have more perception of the body, the affections. I also draw the work of Simone de Beauvoir, "Second sex", which is existential, Hegelian, deals with a transcendent body. The process of the work produced here is not therapeutic and its result is to reproduce reflections and discussions around the work and in what it affects us.

Key-words: Poetry. Performance Art. Political body. Feminism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-------|
| CAPÍTULO 1: ARTE CONTEMPORÂNEA, POESIA, CORPO E PERFORMANCE | p. 13 |
| 1.1 Memorial | p. 15 |
| 1.2 O meu corpo | p. 15 |
| 1.3 Processo de criação, os princípios do trabalho de conclusão de curso | p. 23 |
| 1.4 As aulas de Performance arte | p. 24 |
| 1.5 Exercícios de performance | p. 27 |
| 1.6 Palavras no corpo | p. 28 |
| 1.7 Body Art e Performance Art | p. 29 |
| 1.8 Que corpo é esse? | p. 29 |
| 1.9 Que palavras ou frases carregam nesse corpo? O que quero apagar? | p. 30 |
| CAPÍTULO II FEMME 7.83 PALAVRAS ME DÃO ASAS | p. 32 |
| 2.1 Tintas sob a pele | p. 33 |
| 2.2 Frequência de Shulman 7.83 HTZ | p. 35 |
| 2.3 Performar a poesia | p. 36 |
| 2.4 A exposição | p. 38 |
| 2.5 Com quem faço meus Devir | p. 39 |
| 2.6 O livro de cabeceira Peter Greenaway | p. 40 |
| 2.7 O livro corpo | p. 40 |
| 2.8 Yayoi Kuzama | p. 44 |
| 2.9 Marcel Duchamp e o corpo como obra de arte | p. 47 |
| 2.10 Marina Abramovic | p. 49 |
| 2.11 René Magritte | p. 51 |
| 2.12 O feminismo em minha performance (Simone de Beauvoir) | p. 56 |
| 2.13 Gina Pane Action Sentimental | p. 60 |
| 2.14 Action Psché | p. 65 |
| 2.15 Colette | p. 67 |
| 2.16 O mito de Pandora – “você não vai prestar pra nada” | p. 68 |
| 2.17 A experiência de fazer a Performance em Público | p. 70 |

| | |
|----------------------------|-------|
| 3 – DESDOBRAMENTOS | p. 72 |
| 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | p. 74 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | p. 75 |

INTRODUÇÃO

Neste trabalho é apresentado, inicialmente, o artista francês Duchamp com a afirmação: “É Arte tudo que eu disser que é Arte”, para que pensemos sobre o papel da Arte em nossas vidas no que tange ao Brasil, e no mundo, nos conduzindo para que possamos refletir sobre arte em um sentido mais amplo, e questionar, o que nos faz ver e sentir Arte, sobre o que é Arte? e de nos entendermos como seres humanos. Sendo essa uma afirmação poderosa e um marco na História da Arte, ela se torna parte do problema de pesquisa.

Através da poesia, a Arte se cria, e por ela saímos do lugar comum. A partir dessa máxima, surge o fazer Arte, e dela a construção do Memorial, que consiste na mostra de trabalhos importantes realizados durante o curso que convergiram no trabalho final.

Em seguida, é exposto o roteiro Vídeo Performance que trata de uma busca de sentido e descoberta, da força que tem as palavras que carregamos no corpo. As sensações que atravessam e levam, ao “Estado de Performance”, palavras que afetam, e que talvez tenham dado o impulso, a necessidade de trabalhar com a sensibilidade da poesia, como uma resposta à questão, *o que é o corpo? Qual é a vida vivida pelo corpo?* (UNO, Kuniichi, 2012). Em busca de um libertar-se, liberar e ser mulher, livre como a poesia sempre foi. E com isso, traçando “alianças” com Artistas - alianças estes de que me tocam a Alma - como Duchamp, Yayoi Kuzama, René Magritte, Marina Abramovic, Gina Pane, e alianças com Poetas como Cecília Meireles e filósofos como Spinoza, Deleuze, Kunichii Uno, Simone de Beauvoir e Judith Butler.

Ocorreram momentos de expansão do encontro com Feminismo, e na Performance, onde foi possível compreender melhor este corpo feminino, à medida que se apagava, a herança das palavras inclementes do patriarcado; não determinando que feminismo era esse, por existir vários feminismos, feminismos Plurais.

CAPÍTULO 1: ARTE CONTEMPORÂNEA, POESIA, CORPO E PERFORMANCE

—*Será Arte tudo que disser que é Arte*¹

Marcel Duchamp, 1977.

Marcel Duchamp¹ é um artista com quem faço aliança, por ter me aberto os olhos, para compreender melhor a Arte contemporânea. Ele me faz pensar o papel da Arte em nossas vidas ainda hoje, no Brasil, e no mundo, me faz ter inspirações, para meus futuros trabalhos, por não ser superficial.

¹ Artista francês do início do século XX do movimento Dadaísta

Que me move, a pensar em arte em um sentido mais amplo, e questionar, o que me faz ver, e sentir Arte, o que é Arte? e de nos entendermos como seres humanos. Esta afirmação é poderosa, é um marco na História da Arte, ocasiona a vontade de explorar, investigar mais, para descobrir melhor, a arte contemporânea e conceitual. Portanto, essa afirmativa se torna parte do problema de pesquisa. Será Arte tudo que eu disser que é Arte? A partir desta pergunta, levanto outras questões: tudo que olhamos e fazemos nesse mundo é Arte? Questões que dialogam com o meu processo criativo em formação artística.

Meu ponto de partida é a Poesia. Vejo a poesia como arte, e sinto que o corpo também o é. Assim, tomo Poesia como Arte.

No meu trajeto pelo curso, fui descobrindo aos poucos que todo meu fazer em Arte, vem da Poesia, em uma reflexão de poesia e Arte na contemporaneidade, por um feminismo e corpo político, em nossa atualidade, me interessa descobrir esse corpo que expressa poesia, meu processo, e alguns recortes de Artistas, de anos anteriores (décadas de 1960 e 1970, entre outros do século XX), que percebo que ainda reverberam na pós-modernidade.

Arte é o que me tira do lugar comum, me eleva ou não, me faz sentir algo, do incômodo ao maravilhoso, de reconhecimento, do conhecimento ao estranhamento, que me convoca e me afeta, questionando sobre tudo e todas as coisas na vida. Pode ser assim como recebo e vejo Arte, mas não se tem uma resposta fechada no meu processo e percurso de me encontrar como artista, me deixo ser afetada, e levo este afetar, a todo processo na construção de ser Artista. Percebo que, assim como Fayga Ostrower (1983) em que a cito, “A arte é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida.”

Na busca por encontrar uma linguagem que me desse um espaço na Arte, por meio de exercícios de desenhos, escultura, instalação, fotografia, cerâmica, gravura, e Performance arte, passei a questionar interna e externamente, como estudante do curso de Artes Visuais, a relação entre este interno e este externo do ser humano, bem como o espaço que o cerca.

Esta trajetória despertou problemática como: quem pode afirmar que é Arte tudo que eu disser que é Arte? Eu, como aluna do curso de Artes, posso fazer tal afirmação? Percebo que não se pode dimensionar o que é Arte, mas podemos ter a certeza de que ao menos é possível pensar com mais liberdade tudo que possa ser, e com isto, a Poesia se torna parte do que quero fazer, emergindo do que me afeta através dela.

A poesia sempre me convoca, visceralmente como um respirar. Estava certa de que era por este caminho que iria trilhar, esta linguagem já estava se delineando para meu trabalho de conclusão: O corpo e a Palavra.

1.1 Memorial

Apresenta minha trajetória pessoal, experimentos, e realizações, no curso de Artes visuais, até chegar à linguagem e a poética da dinâmica dos afetos, daquilo que me convoca como poeta e Artista da Performance. Alguns trabalhos realizados no decorrer do curso, que foram escolhidos por convergirem com o trabalho final.

1.2 O Meu Corpo

Trabalho de fotografia em preto e branco (P&B) realizado na disciplina de fotografia com a professora Clarissa Borges, no segundo período de curso. O mesmo consiste em fotografar partes do meu corpo em P&B coladas em um livro com folhas presa, em fotografias tamanho 18x21 com câmera (Fuji) digital, e folhas transparentes de acetato nas quais estavam escritos versos da Poesia “O Meu corpo”, sobreposta à fotografia colada em um livro feito para folhear, um livro de Artista.

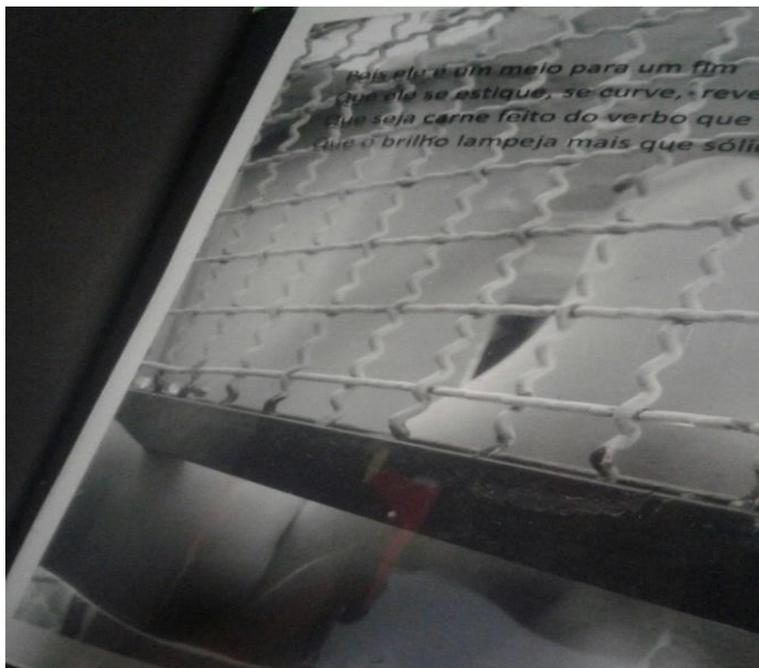
Quando do desenvolvimento deste trabalho, ainda não havia decidido pesquisar o Corpo e a poesia, mas já havia uma vontade em imprimir no corpo palavras, e o desejo de fotografar poesias. Estas fotografias foram feitas após ter escrito a poesia, feitas de partes do meu corpo, da descoberta desse corpo feminino, que hora revelam partes, hora esconde, por trás de objetos como grades, espelhos, molduras, janelas, plantas, como na imagem reproduzida abaixo:

Figura 1 - Trabalho final para disciplina de fotografia: O meu corpo (2015).



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 2 - livro De fotografia Trabalho O meu corpo (2015)



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O meu corpo

Tatiana Brissard², 2014

Que seja velado

Banhado

Cuidado

Revelado, tocado intensamente

Que vibre como música

que arrepie

Que interiorize

Que desperte

Acalme, dance, provoque, emudeça

Com toda nuance que fale!

Silencie Absorto

Que corra, ou caminhando sentindo o vento no rosto

Que medite enraiveça

Que encontre Paz

Que irradie, permaneça que esteja presente

E esteja com os pés na Terra onde habito

Pois ele é um meio para um fim

²Brissard é meu nome de poeta.

Que ele se estique, se curve, reverencie
Que seja carne feito do verbo quem em mim vislumbra a essência
Que o brilho lampeja mais que sólidos mais que matéria
Que seja quântico perene, índigo azul celeste
Que ele me pro mais além do infinito
Do ser no corpo

Figura 3 - Fotografia disciplina de fotografia O meu corpo (2015)



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 4 - Fotografia O meu corpo (2015)



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 5 - Nostalgia Vintage Retrô



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Estas imagens são parte de uma Exposição independente de fotografias e instalação que realizei no terceiro período do curso de Artes. Consistia em fotografias de objetos antigos (vintage) e objetos novos industrializados com aparência de antigo (Retrô) e uma instalação de um guarda-chuva (retrô) vermelho de bolinhas brancas pendurado no ar pelo teto e embaixo uma cadeira vermelha antiga (vintage) de salão de cabeleireiro. A nostalgia se fez presente nestes objetos; alguns afetivos como o recorte da máquina de costura da minha avó, e de um vestido de noiva pendurado na parede da década de quarenta e fotografias de recortes desse mesmo vestido colados ao lado. Remetendo à memória dos Afetos, tendo como referência Marcel Duchamp (1977) onde os objetos como cadeira, o guarda-chuva e o vestido expostos na Galeria dão um novo sentido.

Figura 6 - Nostalgia Vintage e Retrô, laboratório Galeria (2015) - Tatiana Brissard



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 7 - Nostalgia Vintage e Retrô, laboratório Galeria (2015) Tatiana Brissard.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A obra reproduzida abaixo, sem título, é um trabalho de colagem realizado na disciplina de criação da forma dada pela Professora Livia, feito com recortes de revista, no qual parto da escolha de uma foto de Clarice Lispector, recortando seu rosto e mexendo nos seus olhos, dando um aspecto cubista, com recorte de algumas poesias de minha autoria, coladas no entorno, em diversas formas; com impressões de Van Gogh, James Deen, e Charles Chaplin. Aqui remeto a contemplação da poesia, Literatura, cinema e da pintura, ligações salutares e necessárias, para o Artista: Imagem e Palavras, a poesia presente em minhas composições.

Figura 8 –



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O trabalho realizado na disciplina de Interfaces da Arte, ministrada pela professora Beatriz Rausher, intitulado Plugue-me, demonstra mais uma vez a necessidade de usar meu corpo como expressão, fotografias em P&B, corpo nu enrolado em fios.

Aqui, questiono a conexão interna e externa, do nosso ser, nestes dias de hoje. Esse corpo feminino, político, se conecta a que? Que corpo é esse? Um corpo expresso

em meio a essa tecnologia da nossa sociedade. É uma obra que pensa a objetificação do corpo feminino em meio à tecnologia.

A sensação dos fios no corpo, e a visão estética das linhas, biológico e eletricidade, que nos dá uma ideia que vai ligar este corpo na tomada nos faz questionar se já não estamos ligados nessa tomada, ao nos conectarmos o tempo todo, nas redes sociais, pelos celulares, essa conexão, que nos desconecta do corpo imanente, presente, fluído, nos remete, a perguntas: como este corpo enrolado em fios é livre? E que corpo feminino é esse, em meio aos fios?

Figura 9 -



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 10 - Interfaces da Arte Plugue-me (2016) – sequência de imagens.





Fonte: arquivo pessoal da autora (2015).

1.3 Processo de criação, os princípios do Trabalho de conclusão de curso

Tendo em vista o desejo em trabalhar o corpo, busquei sentir e explorar as sensações de me encontrar uma Artista que investiga, aprendendo a deixar livre, fluir, para me expressar, com o que vem do fluxo contínuo. O processo ao longo dos dias foi me mostrando possibilidades de deixar vir à tona o início de um trabalho, sem calcular, sem racionalizar ou intelectualizar muito, fui sentindo, e sendo convidada a investigar, me extraindo, como aquilo que se apresenta, e não tem como negar, algo que chega devagar, aos poucos, gradualmente, num crescente, quando não, se vem num rompante, meteórico, até chegar em algo sólido, que foi construído, após iniciado.

Meu Professor Orientador Paulo Lima Buenoz, indagou-me se poderia estar indo pelo caminho da palavra, se sentia a necessidade, pelo fato de escrever Poesia. Isto se mostrou interessante já que havia feito alguns trabalhos com o corpo e poesia na fotografia. Assim, encontrei a possibilidade de fazer uma junção com a Arte, já que meu caminho sempre foi marcado pela palavra, versos, e poemas, e que minha produção artística poderia se encontrar com minha poesia, talvez não se fundindo, mas dialogando, hora se encontrando e cada um voltando para seu lugar, ou não.

Pensei que seria um bom objeto para experimentação, algo que deixasse acontecer. Como era orientada a deixar vir as sensações, cada passo que pudesse vir desse encontro da Palavra, com o visual, sem ter algo já pronto e estabelecido, mas buscando sentir as primeiras sensações dessa abertura, sem pensar muito, ia de encontro com uma fonte latente da minha produção quase diária, a Palavra.

A imagem e a palavra se encontram ainda numa escuridão, no exercício do sensível. Sinto algo pulsando, existe algo muito forte que convoca esse corpo e a palavra.

1.4 As aulas de performance arte

—Ensinar é uma das maneiras de povoar esta solidão de múltiplas vozes, fazer render e proliferar as marcas o máximo possível a cada momento.

ROLNIK, Suely, 1993, p. 14.

Ao ouvir o professor Paulo Buenoz falando a frase que seria repetida a todos nós em quase todas as aulas, como um mantra, para nos lembrar, que ser artista não parte do intelecto, nem da Academia, me encantou de primeira, pois dizia que os alunos vinham com uma receita pronta, já achando que encontraram a “sua Poética” a frase era: “A inteligência vem sempre depois” (Proust, Em busca do tempo perdido 1913). Escutei muito esta frase, em meu processo, frase profunda de Proust, que Deleuze citava também em suas aulas.

“A inteligência só é boa quando vem depois, quando ela vem dar suporte para a construção desta cartografia de um saber. Isso se pode dizer da erudição, a qual não entra neste tipo de trabalho, como uma reserva de saber que garantiria a verdade sobre todas as questões” (Deleuze, texto Suely Rolnik Pensamento corpo e Devir).

Com o Professor Paulo Buenoz, eu havia feito já uma disciplina e uma optativa intituladas Corpo e Expressão e Ateliê de Instalação, e também já havia iniciado o processo do meu trabalho de conclusão de curso, com ele, sendo despertada por suas aulas que propunham trabalhar o afeto e a Arte unidas, o que me levou a escolhê-lo como meu orientador, pois a ideia de trabalhar com corpo também vinha em meu pensamento, conforme já havia feito com a professora Clarissa Borges.

As Aulas de Performance arte com o Professor Paulo Buenoz, tinham como proposta trabalhar o corpo e aquilo que nos convocava, sentimentos do dia-a-dia: ou

uma memória afetiva, ou o que incomodava, o que nos movia, que estava posto nesse corpo que se descobriria mais em Performance, um sentimento, uma sensação, e falar dessas sensações, e irmos observando no decorrer da semana, essas sensações, no corpo, até termos uma proposta, de uma pequena ação (de curta duração), exercício de performance. Nas aulas iniciais aprendemos sobre a força das narrativas, desse corpo, que se afeta, se deixa afetar, e dos encontros com outros corpos, no que afeta com estes encontros, sobre a dinâmica dos afetos.

Estas aulas me despertaram para algo, o soar ao ouvir “A inteligência vem sempre depois” como um gongo, foi um princípio de liberação, de algo que só mais na frente compreenderia, foi o começo de um encontro mais potente com o sensível, palavras como Afeto, afetar, no processo criativo em Arte, era um desnudar incrível, tangível para mim, parecia que estava pisando em solo conhecido, mas se evidenciava um universo novo, que se desenrolava, nesta minha trajetória, muito próximo da Poesia, que me era íntima já, mas havia algo novo. Cada aula de Performance arte era uma descoberta, estar presente em um exercício de performance, mesmo que de curta duração, descobrir que “O fundamento do tempo é a memória” (Deleuze³, 1997) neste momento, usando o corpo como obra, que pede obra, e descobrindo que corpo é esse, tudo ao mesmo tempo, é quase impossível, o corpo não dá conta de tudo, e ficamos com recortes.

Paulo Buenoz nos conta que Marina Abramovic, artista e Performer denominou este momento em que estamos realizando a performance de “Estado de Performance”.

Pesquisei neste momento em que a Performance se evidenciava para mim, sobre a Body Art, algo que ele sempre nos atentou: que a Performance nas Artes visuais não é teatro, não se tem um personagem ali é um corpo em descoberta, com seus afetos, e incômodos, e que se apresenta, tal como é. Li e vi, sobre alguns artistas da Body Art como Gina Pane, a Brasileira Márcia X, Chris Barden, que nos anos 1970 por não ter um nome definido chamavam suas ações de Peça. Passei a ter uma percepção maior do corpo nestas aulas, sei que este corpo pode apresentar narrativas lineares, ou seja um corpo que conta uma história de um fragmento daquilo que lhe afeta, ou esse corpo em performance apresenta uma narrativa alinear de um corpo, sua trajetória e aquilo que lhe afeta, um verdadeiro exercício da poética. Pois este corpo humano, não é uma história com começo meio e fim.

³ Filósofo Francês contemporâneo.

Então esses exercícios experimentados no corpo ali presente, seriam a consciência corporal? Pela visão de Espinoza seria diferente:

A ordem natural determina que a mente humana esteja sempre em relação com múltiplas causas internas e externas. A mente é a ideia do corpo e do que afeta o corpo. A mente percebe apenas algumas causas que afetam o corpo e não a totalidade dela, pois o número de causas ultrapassa em muita nossa capacidade de perceber e ordenar as coisas. Portanto, a mente tem apenas um conhecimento parcial do corpo e de si mesma. (SPINOZA apud O CONCEITO DE LIBERDADE, A Ética).

Então como seria este estado de performance se não temos plena consciência do corpo? Minha imersão nestas aulas estavam me deixando cada vez mais atenta, em busca de cada vez mais me fazer presente no exercício proposto, naquilo que me afetava, as minhas sensações e o que me convocava, nessa potência do ser, e descobri algo que me deixou mais desperta dentro do processo. Eu já meditava há algum tempo e meditar, para mim, era transcender apenas, através da atenção plena (Mindfulness), estar presente e ir além desta presença do corpo, mas sem perder consciência do todo, apesar de ser um estado de transcendência. Em uma das aulas, Paulo Buenoz, ao dizer que trazia a proposta de um exercício de performance, percebeu algo que faltava, e disse que este corpo experiência não é somente para transcendência, mas sim vivenciar a imanência. Com isto senti uma expansão da minha visão, e ali compreendi com mais clareza como chegar neste estado de performance. Não era para sentir só a consciência, estar ali presente, mas também a imanência vivida por este corpo no exercício da Performance arte, em um jogo de forças da natureza e de suas potências.

Algumas perguntas que o professor levantou em uma das aulas: “O que pode um corpo?” Pergunta essa que nos cala fundo, que descubro ser de Spinoza, e que Deleuze traz na filosofia contemporânea, respondendo-a: “A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado.” (DELEUZE, 1997, p. 147).

Trabalhar o corpo na Performance arte me fez descobrir que essa era a linguagem em Arte que mais me tocava, depois de escrever poesia, era como estar em casa, sentia que se encaixava com a minha trajetória de Poeta, a cada exercício proposto na aula. Já havia feito teatro, e não senti que era o lugar de levar este corpo de poeta, passei pela dança, minha poesia queria ficar, mas não foi ali que a poesia pousou, até que voou novamente, mas onde senti que fui tomada, por inteiro, onde minha poesia encontrou pouso foi na Performance arte, interessante observar que tanto no teatro

quanto na dança existe performance, mas minha percepção me mostrava que na Performance das Artes visuais, tinha um lugar diferente.

Com estes exercícios em que o professor Paulo Buenoz nos questionava a ir mais fundo, nos perguntando que corpo é este que necessita ter obra? O que este corpo convoca? Essa questão do corpo me toca profundamente, me fazia querer investigar mais. Senti que minha poesia podia fazer morada ali, ali tinha chão, mesmo sendo no ar voando, era sólido, mesmo que meus versos continuassem sobrevoar pelos céus.

1.5 Exercícios de Performance

Meu trabalho final apresentando na disciplina de Performance arte, intitulado *Na Sendo*, me possibilitou externar, o meu existir nesse mundo, com uma frase que disse durante o processo, daquilo que me convoca: “eu nasci sem oxigênio que não me caibo no mundo, eu não me encaixo, algo como pertencer, estar viva, respirar”. A performance que apresentei como trabalho final do semestre nessa disciplina não teve registro fotográfico.

Estou posicionada com o corpo nu, em pé, com uma meia calça preta cobrindo a cabeça, meu rosto, amarrada no pescoço, na minha frente tem um banquinho com uma Atame⁴, tem um som de fundo, pensado a partir de uma pesquisa que desenvolvi acerca das frequências sonoras, e o modo como alteram ambientes e reverberam em nosso corpo. A performance conta com uma frequência 532Htz, um som meio atordoante, juntamente com minha respiração ofegante que vai crescendo, chegando ao ápice, marcado, por um movimento deste corpo em que pego a Atame, e levo no rumo a boca, com a respiração ainda ofegante, corto a meia e caio no chão. A Atame também cai da minha mão, então grito, e choro inconsolável, com o corpo em posição fetal. Aos poucos o choro e os gritos vão cessando, e então vou me levantando e me sento com as pernas dobradas em cima dos calcanhares, vou normalizando a respiração e esboço um leve sorriso, visível pelo buraco que foi rasgado na meia.

Minha descoberta do sensível na arte foi possível por meio da linguagem da Performance Arte. Um lugar onde encontrei minha expressão com o olhar da poesia e essa sempre me convoca visceralmente como um respirar. Estava certa de que era por

⁴ Atame é um punhal cerimonial, tradicionalmente de cabo preto e dois gumes, usado em várias vertentes mágicas.

este caminho que iria trilhar, esta linguagem já estava eleita para meu trabalho de conclusão de curso: Corpo e poesia, Performance arte e Palavra.

1.6 Palavras no corpo

Figura 11 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas, 2018, Espaço criar.



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Uma imagem aconteceu em meu pensamento: eu estava em uma sala com pouca luz, com corpo desnudo, com palavras escritas com tintas no meu corpo, de vários tamanhos, formas e cores, havia uma bacia com água, na minha frente, e ataduras, e eu começava a lavar, a imagem que se destacava, nessa pouca luz eram de tintas escorrendo pelo corpo, e essas cores se mesclavam, e em alguns momentos eu parava de apagar e reescrevia novamente. Que palavras eram essas? São tantos corpos, como são tantas as palavras, em busca de algumas, esse fazer do poeta, que faz poesia, e é corpo.

Palavras ouvidas na infância, na adolescência, resultando em várias frases, num só corpo.

1.7 Body Art e Performance arte

Figura 12 - Yves Klein Anthropométries by Yves Klein (1960)



Fonte: <http://redmilkmagazine.com/2016/11/nowhere-and-everywhere-at-once-yves-klein/>. Acesso e, 29 jun. 2019.

A Body Art foi difundida nas décadas de 60 e 70 do século passado, porém ainda não eram denominadas de Performance. Gina Pane mesma afirmava que o termo Action ou Body Art era melhor para designar tais artes, a fim de não confundir com teatro, em que o corpo está a serviço de um personagem, e muitas vezes conta com uma narrativa linear. Hoje se adota o nome de Performance para englobar todas, e distinguir do teatro e da dança, mas se diferenciando dessas, como Performance nas Artes visuais onde se é possível experimentar o corpo livre de um personagem, apenas o corpo e suas afetações, cria-se essa diferença, mesmo que estas áreas estejam em constantes e profundas relações.

1.8 Que corpo é esse?

Esse corpo, vem nascendo na arte, despertando a descoberta de sua origem potente, algumas partes vão se desconstruindo, e se preparando para a trajetória de um corpo feminino em Performance, vindo dos meus poemas, um sopro, um grito, vida vivida, por silêncio e pausas.

Mas a força humana, social, mental, emocional, não se sabe nunca como totalmente controlá-la. Spinoza parece muito sensível a esse problema [...] nossa razão não é suficiente para controlá-la porque a razão é ela mesma fundada sobre as forças [...] No fundo, a vida e o corpo nada mais são que a mesma coisa, mas, para que sejam verdadeiramente o mesmo e o corpo seja digno da vida, será preciso descobri-lo em sua própria força de gênese, em seu tempo próprio. (UNO, 2012, p. 66).

Em uma descoberta dessa gênese do corpo, onde a razão não tem controle, não cabe em si, tal como a poesia, e a arte.

1.9 Que palavras ou frases carregam nesse corpo, o que quero apagar?

Dentre estas frases, querendo se tornar “verso”, tomar corpo, aprendi moldá-las, como escultura, ou domá-las, mas percebo que elas não cabem em mim, às vezes o peito não dá conta, palavras que mexem, com a minha identidade, escolhas, descobertas de singularidade na dinâmica dos Afetos. Entre curtos circuitos. Narrativas de feridas expostas? Ou violência invisível? É como sentir a todo instante esse nascer poeta, poetisa, ser e respirar como poesia.

Diante da frase: “Você não vai prestar para nada” sinto cravada no corpo cada som que clama ser poema, e não ser o que ouvi na infância como uma sentença ou profecia prenunciada, e pronunciada pelo meu pai: a violência dos sons das palavras, esse corpo feminino condicionado. Encontrei na escrita um refúgio, um lugar seguro, em que pudesse ser ouvida mesmo que fosse dentro de mim, em busca de existir, escrever nesse corpo “sem órgãos” (Deleuze; Guatarri,), sem demarcar território, uma geografia dos afetos, de um encanto com um papel em branco, escrevi meus primeiros versos ainda tímidos.

Um desnudar de poesia, o desespero do “eu sou aquela que escreve”, no corpo, nos muros, nas paredes, no chão onde piso, onde eu quiser delimitar esse espaço, afastar o sufoco, apagar o inapagável, achar a solução de não ser apagada, existir no pulsar de cada letra, o processo desse olhar para si, os horizontes que me atravessam, em narrativas de uma potência menor, para uma potência maior, corpo poesia, afeto. É na

arte que existe o espaço exuberante que me convoca a levar, toda essa poesia que carrego comigo, esse corpo em seu potencial crescente, processual, a descoberta da Performance Arte, destes encontros que não se esquecem, onde a poesia que escrevo, faz uma aliança com a Performance Arte. Encontro de duas potências: Corpo em Performance e estado de poesia, e estado de performance, na arte e no ser, a descoberta da imanência, corpo presente, neste aqui e agora, refletem as sombras da frase: “Você não vai prestar para nada”. Corpo feminino em Performance, onde a poesia habita todo o ar, todo o tempo, ronda, me fez compor pela visualização criativa, de uma imagem muito forte, em meu pensamento, palavras escritas no meu corpo desnudo, de todas as formas, e em três cores: preto, branco e vermelho, em que eu lavo estas palavras, e depois as reescrevo.

Figura 13 - Femme 7.83 Palavras me dão asas (2018) Espaço criar.



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

CAPÍTULO 2: FEMME 7.83 PALAVRAS ME DÃO ASAS

Apresento aqui o roteiro Vídeo Performance. Os materiais utilizados foram: tinta guache preta, branca e vermelha, urucum, hena preta, uma caneta fine pen cor preta, copo plástico, pincéis de diversos tamanhos, uma bacia de alumínio, com água, e ataduras. A performance foi filmada no Ateliê bar, que é um lugar alternativo onde funciona um antiquário.

A primeira Parte filmada foi da preparação do corpo de duas mãos que escreviam nele, todo de todas formas e tamanhos

A cena da Performance foi filmada em um único take, depois do corpo já preparado, parte escrita, realizando a performance lavando as palavras, molhando a atadura na bacia, após retirar a frase, com força tentando apagar, reescrevia com pincel molhado na tinta, a mesma frase, e assim sucessivamente em um misto de escrever, apagar e reescrever.

A sonoplastia da cena constituía em um som com frequência binaural uma ressonância de fundo 7.83htz junto ao som da minha voz, declamando uma poesia.

A Performance trata-se também de uma busca de um sentido e descoberta, da força, que tem as palavras que carregamos no corpo. As sensações que me atravessam, e me levam, ao “Estado de Performance” o que me convoca, são palavras que formam uma frase, que me afetaram por longo tempo. Uma frase difícil de apagar: “você não vai prestar para nada”. Palavras que me afetam, e que talvez me tenham dado o impulso, despertaram a necessidade de trabalhar com a sensibilidade da poesia, como uma resposta à questão o que é o corpo? Qual é a vida vivida pelo corpo? (UNO, Kuniichi, 2012).

A imagem que tinha em mente vinha da poesia, sentia que era performance, inicialmente, uma imagem, era como cinematográfica, um vídeo. Desta forma decidi fazer um vídeo performance, de um corpo todo escrito, com palavras, pintado e preparado por algumas por mãos, Fernando Borma(amigo Poeta) e Sara Leite(colega do curso de Arte), que escrevem a frase “Você não vai prestar pra nada”, em vários tamanhos, nas três cores: preto, vermelho e branco, usando guache, urucum, hena e caneta fine pen, preta. A cena de apagar com ataduras molhadas, as palavras e reescrevê-las, são alternadas com a respiração ofegante e intensa, as tintas se mesclando ao serem molhadas, perdendo a forma. Algumas palavras saindo fácil, outras nem tanto (como as escritas em hena, e urucum); e ao fundo a frequência 7.83 com minha voz em poesia.

Figura 14 - Espaço criar, fiz apresentação ao vivo, corpo sendo preparado, pintado, pelos colegas Fabrício Marçal e Valéria.



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

2.1 O uso das cores e seu significado simbólico

As tintas em Urucum vermelho, usadas na Performance em meu corpo, traz uma conexão indígena com a minha ancestralidade, descendo por parte de pai de Xavantes, esta é uma das tintas que ficam, a henna na cor preta, das tintas assim que como o urucum demoram a sair do corpo, o guache que saem rápido ao lavar, as de caneta de tinta preta, está já não saem fácil, então se tem no corpo estas cores, e esse jogo de apagar, com as ataduras, com tintas e cores que apagam fácil, e com tintas e cores que marcam somente as cores pretas e vermelhas do urucum que ficam por mais tempo, o branco sendo puro guache, esse sai facilmente, e escorre num contraste com as cores que não saíram, as palavras escritas no corpo ficam confusas, e que são reescritas “Você não vai prestar para nada”.

O significado de cada cor foi escolhido intuitivamente, foi quando vi que se relacionava com meus estudos na bruxaria natural, onde estudo o feminino sagrado no paganismo, em que o patriarcado era visto como secundário, pois no matriarcado Deus não é pai, Deus é Mãe, a Deusa, então tudo visto pelo feminino, se torna simbólico e ritualístico, presente na performance, os rituais em que este corpo feminino representa a Deusa, as cores branco, vermelho e preto tem seu significado.

Branco: Seria a deusa jovem, pura e casta desde a infância a mocidade, uma vestal, virginal, pureza em forma de mulher, seria a pureza de sua juventude, que ainda não foi penetrada pelo “Deus”. Em rituais na antiga Grécia as jovens moças que cuidavam do fogo do templo de Afrodite eram puras e castas, eram as vestais, guardiãs da

chama.

Vermelho: Representa a vida encarnada, a sexualidade, usada nos rituais de iniciação quando, ela se torna mulher, para mostrar toda essa energia, potência, criadora, onde a Deusa jovem, pode se tornar mãe, mas mãe não só de poder engravidar, mas de cuidados, e sua fertilidade está no Auge, seu corpo é a porta do mundo, é a que dá origem aos seres, no ritual, ela é vida pulsante que tudo gera e cuida.

Preto: A Deusa é anciã, suas memórias são a eternidade, como o firmamento (escuro) ela é o que foi e o que será, ela é todos os ciclos, essa cor também pode representar o útero, e também aspectos psíquicos, do inconsciente, que guarda todo conhecimento do Universo, daquilo que está na superfície e na profundidade.

Estas cores tem cada uma delas uma relação ritualística dentro do meu trabalho em performance, pode relacionar-se com meus estudos da Deusa, e suas fases, e meus processos deste corpo feminino, o branco sendo a pureza, é o que se esvai e apaga logo escorrendo entre as que se vão, tanto vermelhas, quanto pretos, a dualidade, entre as que ficam e vão, se conversam, as fases do sagrado feminino, tendo o propósito de apagar, mas a cor sendo ressignificada, reescrita, com as tintas e suas cores, sacraliza e transmuta cada palavra, mesmo que se reescreva a maldita frase proferida, reproduzida pelo Patriarcado, a água sendo também outro símbolo relacionado ao feminino sagrado, vem e lava, as cores cumpre sua função, da mulher, Jovem, Mãe e Anciã, onde se transmuta, cada maldizer deste corpo, ocorre um banimento, e sublima na grande Arte da Deusa. Este trabalho de Performance pode ser lido por este ângulo, uma ritualística, filosófica, e estética de um empoderamento feminino, místico, através do seu simbolismo das cores.

2.2 As Tintas sob a pele

Em diversas culturas se encontra pinturas no corpo. Entre os povos hindus, nas sociedades orientais, na Ásia, estas pinturas assim como em tribos indígenas brasileiras, são praticamente a roupagem deles. Muitas dessas pinturas não são apenas estéticas, mas para simbolizar sua etnia, hierarquia, poder dentro da tribo, ou pinturas cerimoniais para rituais, em que se usam carvão, urucum e jenipapo. Em algumas tribos são as mulheres que preparam a tinta e fazem a pintura, muitas delas têm um status dentro da tribo por fazerem este trabalho, sendo responsável, por esta função, a mulher indígena, São elas que pintam seu próprio corpo, das crianças e do marido. Na Índia, oriente, as pinturas com hena feitas na noiva para ornamento no dia do seu casamento, demonstram que não basta só o vestido. No decorrer da história da humanidade, vemos vários simbolismos de pinturas corporais também, entre os celtas e Escandinavos.

Neste sentido, propus um trabalho pictórico no corpo em que foram escolhidas

três cores: preto, vermelho e branco, interessando-me aqui em um recorte da mulher indígena e a pintura corporal, acredito que conversam com meu trabalho de pintura corporal na performance. Essa estética e força da ancestralidade se faz presente, tintas que marcam a pele, e outras que se dissolvem, minha fragilidade.

Em que se assemelha meu trabalho de pintura corporal, com o da mulher indígena?, é que eu mesma preparo as tintas, onde o vermelho guache, tem uma mistura do urucum e ficam marcadas as palavras, no corpo, por dias sem sair, aqui difere da pintura corporal indígena, porque essa pintura denota uma denúncia, e o que exponho na dor de palavras, que carrego nesse corpo em Performance, não sendo apenas uma visão estética de tintas no corpo, mas assim como a indígena se pinta para demarcar, ter um status, um poder, aqui eu me pinto para remeter a liberdade e representatividade, em tomar as palavras para mim e transmutá-las, me inspiro nessa liberdade que a mulher indígena tem de pintar seu próprio corpo e dos demais.

Figura 15 –





Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

2.3 A frequência de Shulman 7.83 HTZ

Eu sempre pesquisei sobre sons diferentes como mantras, que me causassem algum impacto sensorial, me fizesse sentir uma vibração elevada, gerando bem-estar, e levando ao transe sem uso de psicoativos. Ao longo das minhas pesquisas desses sons

descobri as frequências, e quando comecei a fazer os exercícios de performance, resolvi usar a frequência na Performance *Na sendo*, que era bem atordoante, mas leve.

Para o trabalho de conclusão de curso, não era proposta inicial o uso de frequência, porém continuei testando e pesquisando, ouvindo e sentindo como meu corpo respondia, observava o que me afetava com elas, no campo sensório, então numa dessas pesquisa assisti ao documentário Resonance Beings of Frequência – *somos seres de frequência*⁵ que trata das ondas de micro-ondas, e ondas de celulares o uso demasiado desta tecnologia e seus malefícios, constatando, vícios e problemas de saúde, como aumento do estresse, depressão, insônia, vários distúrbios, e desequilíbrios por desconexão com a frequência da terra. O físico alemão Winfried Otto Schumann constatou em 1952 que a Terra é cercada por um campo eletromagnético poderoso, que se forma entre o solo e a parte inferior da ionosfera, cerca de 100 km acima de nós. Esse campo possui uma ressonância, e por isto foi denominado de ressonância de Schumann, que é mais ou menos constante, da ordem de 7,83HTZ (pulsações por segundo). Esta frequência da Terra é bem próxima da ressonância do nosso corpo, conexão, equilíbrio, e harmonia, do corpo com a Terra. Ela contempla o sensível, e procura unir esta sensibilidade, este corpo feminino em que habito, que escutou palavras que machucaram, palavras que se tornam arte e poesia, uma busca em pertencer, existir, me abrir como artista, e estar em equilíbrio? com este corpo feminino nessa ressonância? com a Terra?. Este trabalho denuncia, será que encontra esta conexão? seu lugar no mundo?, tem uma força de vir de um lugar de dor, em pela arte se dá os bons encontros, de um potencial singular. Apago palavras que me afetam, e reescrevo-as, para que esse corpo feminino não seja apagado. E seja Arte, Poesia, Performance e Ressonância. Encontros que se potencializam.

2.4 Performar a Poesia

“A atividade de escrever não tem a ver com o problema pessoal de cada um. A literatura, a escrita, tem fundamentalmente a ver com a vida. Mas a vida é qualquer coisa superior ao que é pessoal... Escrever é sempre se tornar alguma coisa. Nós escrevemos para a vida e nos tornamos alguma coisa. Escrever é devir, é se tornar tudo aquilo que se quer, menos um escritor... Há um devir-infância da literatura, mas não de uma infância em particular...”

DELEUZE, apud O ABECEDÁRIO DE DELEUZE, 2004.

⁵ Disponível completo legendado em: <https://www.youtube.com/watch?v=xtpkveNYBtA>. Acesso em 29 jun. 2019.

Palavras dão Asas

E ela ia, ia, ia
As palavras lhe tocavam tanto
Estavam no seu corpo
Havia o retinir
De um ressoar de uma frase
Como revoar de pássaros
Ou pousar de uma borboleta
Palavras que fogem
Ou que ficam na minha
boca, mas silenciosas não
saem, ficam presas no
murmuro, dos Mares do
mundo
Essa frase que sufoca e queima
esse rugir violento
Do som que meu espelho
Não quer escutar
Essa frase suja, como um desenho sujo
Boca suja
Roupas sujas
Ruas sujas
Que transbordam em sinfonias
Esta frase que habita
Mas que não pertence mais
Apenas ao mundo.

Tatiana Brissard.

Esta poesia surge em meio ao processo de afetação desse corpo, se preparando para realizar a Performance, a poesia de pano de fundo, para sinalizar a luz no fim do túnel, me mostrando que ela está sempre presente, não me abandona, enquanto houver sopro do meu respirar, respiro poesia a todo instante, às vezes ela vai passear, dar uma volta, me deixa só, me ensinando o que é solidão, achando que ela foi embora, mas ela

sempre volta, escrever não é solitário, e se é, é porque faz parte do ser poeta, não se explica.

Quando me encontrei com a arte pensei que a poesia ia diminuir, mas pelo contrário, demorou um pouco, para ela me fazer ver que estava de mãos dadas, com a arte. O desdobrar que descobri em nesse processo de conclusão do curso, foi de que minha voz foi gravada declamando esta poesia *Palavras dão asas*, em áudio, para rodar junto do Vídeo Performance, e com a ressonância de junto como efeito sonoro, e que isto não era um simples declamar poesia, era performar, como disse meu orientador, e o que era Performar a Poesia?

O que era interessante não era mesmo declamar, nem impostar como no teatro, não era cantar, mas sim embalar a voz e deixar o rio seguir seu curso, como um fluxo de consciência, subjetivo, alinear, assim como a Performance arte, desse meu processo corpo e poesia. Na maioria dos casos não se tem a exigência de contar uma história, a narrativa o tom a voz, bailam para um lado e para outro, seguindo a Poesia na estrada da linha reta, imaginária, e com isso seu caminhar fica mais festivo. Gravei a poesia com tonalidades dissonantes, e com a frequência 7.83 de fundo, ficou um outro trabalho a parte, dentro desse trabalho, que se encontram e se entrelaçam e podem ser separados, havia um desdobrar de apenas uma performance.

2.5 A exposição

A exposição do trabalho se deu em 12 de dezembro de 2018⁶, no Laboratório Galeria da UFU. Recebi os professores, os Amigos, e ficou exposta por sete dias, nos quais ouvi valiosos retornos de pessoas que acharam profunda, significativa, potente, todo o conjunto do Vídeo Performance. Os retornos que mais escutei foram: “muito forte”. Todos olhavam com muita reflexão. A exposição não gerou conforto, causou impacto.

Senti que foi satisfatória a receptividade, e a conclusão de um trabalho que ficou completo superou minhas expectativas, a montagem tudo acontecendo e percebo que este trabalho é grande em si mesmo, gera retorno e satisfação de tê-lo como obra, faz parte já da minha jornada, como um marco, em que pode se dar em mais desdobramentos mediante boas reflexões, que me inspira, e o trabalho continua fluindo de mim para o mundo.

⁶O vídeo tem uma duração de 9min59seg registrados por Thiago Paulino.

Figura 16 - Com a Professora Clarissa Borges



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 17 - Com Paulo Lima Buenoz, Renata Lima e Thiago Paulino



Fonte: Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

2.6 Com quem faço meus devires

"Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. ||

DELEUZE, 1997.

No curso de Artes visuais pude conhecer e encontrar várias referências de artistas na história da arte, e fora dela também. Muitos dialogam com meu processo de criação, ou acrescenta na minha trajetória como artista, algo que desperta a imaginação, aquilo que está latente, não só artistas, mas poetas, escritores, e filósofos, com quem faço os meus Devires. Acredito que meu processo criativo é cartográfico, tendo como referência Spinoza e Deleuze, em sentir a fluência das sensações que nos afetam, com a inteligência só sendo boa, quando ela vem depois, e usada a serviço de uma “escultura do Tempo”⁷, o que não foi difícil para mim, por já ter o olhar sensível da poesia, o que parece que facilita, mas sempre desconstruído, e construindo novos cenários, que ativam

essas novas potências. Em novos processos de subjetivação, da poesia tomando corpo. São eles, estes artistas em que na verdade não são todas as suas obras que dialogam com meu processo, mas escolho alguns de seus trabalhos que me tocam, que se constitui uma aliança, e colaboram para esta obra, desse vídeo Performance.

2.7 O livro de cabeceira Peter Greenaway⁸

Elegia

Caetano Veloso

Deixa que minha mão errante adentre
Em cima, em baixo, entre
Minha América, minha terra à vista
Reino de paz se um homem só a conquista
Minha mina preciosa, meu império
Feliz de quem penetre o teu mistério
Liberto-me ficando teu escravo
Onde cai minha mão, meu selo gravo
Nudez total: todo prazer provém do corpo
(Como a alma sem corpo) sem vestes
Como encadernação vistosa
Feita para iletrados, a mulher se enfeita
Mas ela é um livro místico e somente
A alguns a que tal graça se consente
É dado lê-la

Compositores: PERICLES CAVALCANTI / AUGUSTO DE CAMPOS

⁷ Termo usado por Tartovisky.

⁸ Artista visual, cineasta Britânico.

2.8 O Livro corpo

—O corpo é um alfabeto? Pele pode servir de papel? Há imortalidade no texto? A espinha do livro é a mesma vértebra do homem? Qual é o preço em palavra do amor carnal? O texto pode sentir ciúme? Podem os livros trepar com outros livros e produzir mais livros? Sangue é tinta? A pena é um pênis cujo propósito é fertilizar a página? Aquela que era o papel pode tornar-se a pena? E se foi o corpo que fez todos os signos e símbolos do mundo, passando do cérebro pensante para o braço que move e daí para o gesto da mão e daí para a pena rígida sobre o papel silencioso durante milhares de anos, e agora? — Agora que todos nós escrevemos com teclados? Teremos rompido um elo essencial? Haverá agora uma necessária evolução futura para as letras e as palavras? E, se as palavras foram feitas pelo corpo, onde haveria um lugar melhor para depositar essas palavras do que de volta no corpo?

Peter Greenaway, apud 2013.

Figura 18 - Filme o Livro de cabeceira 1996 de Peter Greenaway



Fonte: <http://multiplotcinema.com.br/2011/11/o-livro-de-cabeceira-peter-greenaway-1996/>. Acesso em 29 jun. 2019.

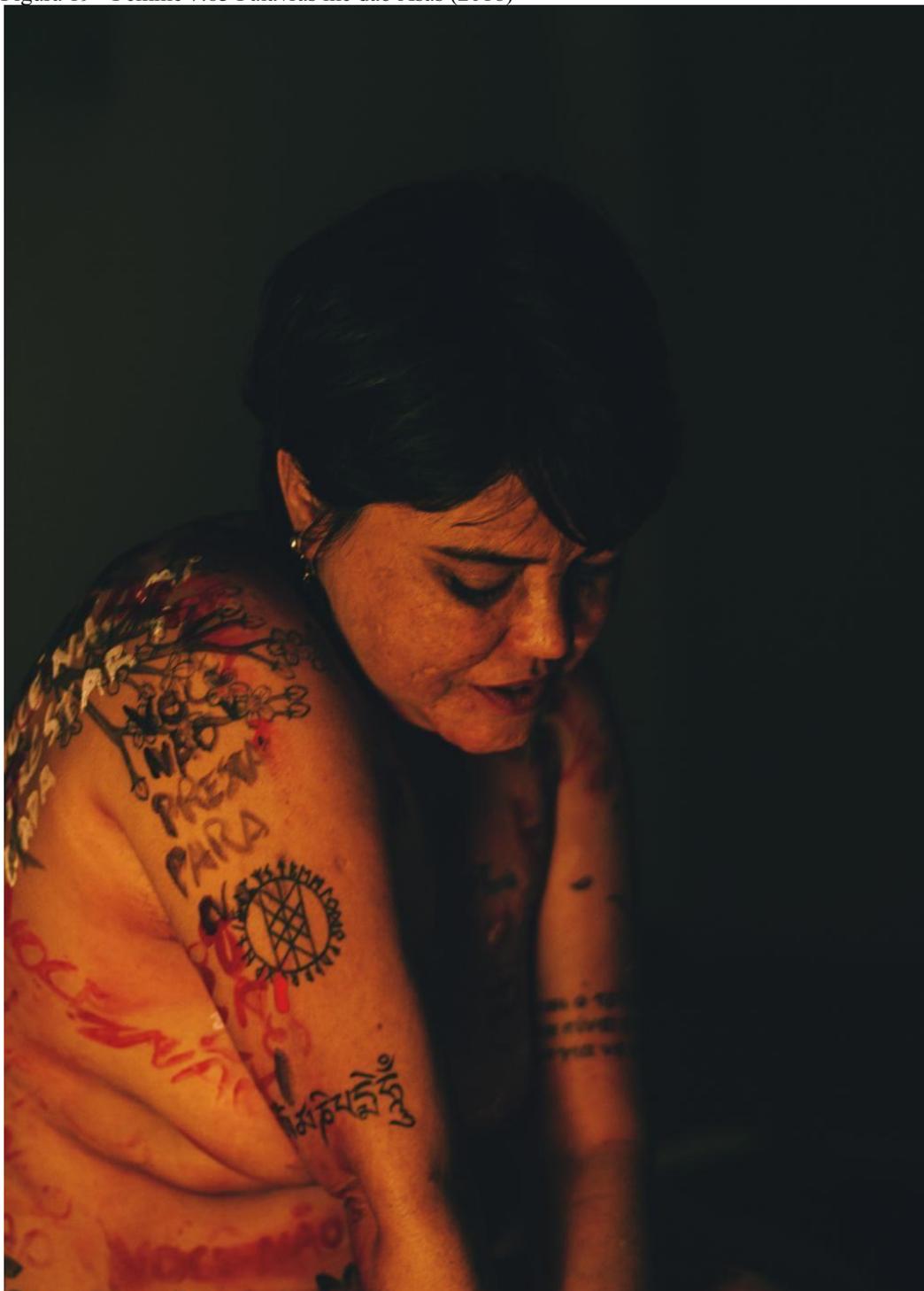
Quando surgiu a imagem inicial de *Femme 7.83 Palavras me dão Asas* em minha mente, de palavras escritas em todo corpo, não me lembrava de ter visto esse filme nos anos noventa, do século passado, que se conecta com o meu vídeo performance; pois é poesia, corpo e palavra. Nagiko, personagem central do filme, gosta que seus amantes escrevam em seu corpo, tornando esse ato da escrita na pele uma obsessão por causa de seus traumas da infância causados por seu pai. Daí transcorre as referências as tatuagens, mas visto por um outro modo de imprimir o eterno: a escrita como uma arte da caligrafia chinesa/japonesa, o corpo se torna livro para vivenciar e

reter suas memórias. Não pretendo fazer aqui uma análise Freudiana, apesar de o filme apresentar esse viés. Parto de um fragmento de, quando contei de uma imagem que tinha em mente para um trabalho de Performance, para alguns professores, me conecto aqui com as matizes de cores: branco, vermelho e preto, que são também as tonalidades em algumas partes fotográficas do filme, e em alguma relação com a personagem e seu trauma com o pai, que ela carrega consigo e seu desejo de escrita no corpo.

A escrita querendo se impor, eternizar como marcas, memórias afetivas no corpo efêmero, em que meu trabalho tem esse apelo as marcas que também vem do “pai” quero apagá-las sinto necessidade de apagar, mas tal como Nagiko, quero reescrevê-las novamente, a poesia presente de Seisho na Gon⁹. Me encanta ao ser lida um trecho de uma poesia tão antiga do Japão Medieval, reverberar ainda nos dias de hoje, no encontro ao que faz parte da obra *Femme 7.83 Palavras me dão asas*, a literatura e a imagem numa junção cinematográfica, sinto que a conexão se dá pelo fato de que eu sempre soube desde que vi as primeiras imagens em minha mente, deste corpo todo escrito com palavras, e eu lavando estas palavras, e as tintas escorrendo que era uma imagem potente, que foi ganhando força, e foi se tornando obra, era uma imagem de uma Performance, que veio a poesia, já presente, do corpo, para um vídeo. Sabia que era essa linguagem que iria trabalhar, à medida que ela se firmava, e tinha certeza que seria, um vídeo performance. Assim, me alio a Peter Greenaway em seu filme pelas imagens, pela poesia, as cores, a fotografia, a literatura cheia de significados, o sentido de um apelo do que carregamos, apagamos e reescrevemos no corpo exaustivamente, as poéticas do Devir.

⁹ Poeta japonesa do século nove.

Figura 19 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas (2018)



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 20 - Infinity Mirrored Room—Aftermath of Obliteration of Eternity (2016)



Fonte: <https://www.google.com/search?q=yayoi+kusama+mirror&rlz=1C1CHBD>. Acesso em 29 jun. 2019.

2.9 Yayoi Kuzama

A aliança que faço com Yayoi Kuzama demonstra a necessidade de explorar uma ideia de maneira obsessiva e repetitiva se tornando incansável, infinita, por algum conceito, ou ideia, ou acontecimento, isso se insere em meu processo, que se fosse como uma performance de longa duração seria apagar e reescrever, infinitamente se fosse preciso. A busca por apagamento, no caso de Yayoi Kuzama, seria uma forma de manifestar, aquilo que não se pode ser apagado, de outras formas, repetidas vezes, até se esquecer, ou quem sabe se tornar outra coisa, substituindo o que se quer apagar.

A artista de origem japonesa, com a exposição Obsessão infinita pelo Instituto Tomie Otake, nos apresenta a instalação Mirrored Room Afternath, uma instalação, onde quem a visita entra em seu mundo, faz uma imersão na obra. Kuzama, que se destacou com grandes trabalhos nas décadas de 1960 e 1970, com pinturas, esculturas, Hapinness, body Art, fez parte da "Troup" de Andy Warhol, tendo experiências com LSD, sendo considerada nesta época uma artista psicodélica, ou artista visionária.

Figura 21 - Yayoi Kusama Hapening Década de 60



Fonte: <https://www.google.com/search?q=yayoi+kusama+mirror&rlz=1C1CHBD>. Acesso em 29 jun. 2019.

Faço um paralelo do meu processo tintas no corpo, águas, e o que se apagam, a instalação em que há um jogo de espelhos onde se projetam luzes pequenas (umas mil, mais ou menos, coloridas e redondas), como se fossem bolas de natal - uma obsessão que artista tem por bolas coloridas, muito presente em seu trabalho, porque ela dizia ver

essas bolas coloridas o tempo todo desde criança, essas luzes mudam de cor lentamente, tem espelhos nas paredes, e o chão de mármore preto. Uma pequena mureta divide o espaço, onde dos lados se tem água, formando um espelho de água no chão, e ao centro do cômodo um corredor para os visitantes passarem, por dentro dessa obra, que simplesmente reflete milhares de luzes ao infinito. A imersão nesta instalação é de encantamento, como se estivesse vendo as estrelas, o Universo.

A artista em sua mente criativa e sensível, nos conduz ao seu estado de controle e uma forma de se comunicar com o mundo, suas obras coloridas interativas, que nos encham os olhos nos levam a outro mundo.

Yayoi Kuzama se internou voluntariamente em um hospital psiquiátrico em 1977 no Japão, lá continuou fazendo seus trabalhos de arte, suas criações. Nise da Silveira' provou que a Arte de uma pessoa com problemas mentais podem ser muito expressivas, a resposta neste caso da Artista Yayoi Kuzama, seria um pouco diferente, pois ela já produzia assim antes ter se internado, esta instalação não muda em nada seu estilo, e poética artísticas, são reflexos de sua obsessão, controladora que nos faz esquecer de que há loucura, pois seu encantamento das luzes nos seduz, nos faz ver como a arte é libertadora, e que sabe que produz Arte.

O Filósofo francês Georges Didi-Huberman, em seu livro “A semelhança informe ou o gaio saber visual” (2018) pesquisa os distintos usos das imagens, na teoria crítica e na história e tem como apoio os teóricos, Aby Warburg, Walter Benjamin, e Georges Bataille – peça fundamental na obra.

Huberman (2018) aponta que seu livro foi influenciado pelas pesquisas de Michel Foucault sobre loucura: "tentei fazer que o Foucault fez ao analisar sobre o Poder e o desejo na produção da imagem" (Ibid., sem página). O livro é diferente da publicação de Charcot em 1875 e 1880 “A invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière”. Humberman, seguindo o pensamento de Bataille, possui uma visão mais aberta das imagens, mais humanizadas.

A instalação de Yayoi Kuzama *The Mirrored Infinity* e sua internação nos remete, como Didi Huberman investiga, às imagens de mulheres segundo Bataille, à iconografia de Charcot repleta de uma realidade chocante, em que ele não fala só do hospital, mas das mulheres que sofrem. “Bataille utiliza as imagens não para fechar o saber em um quadro, como Charcot, mas, ao contrário, para explodir os limites do próprio quadro, para assim criar um outro tipo de saber. Por isso falo que é um gaio saber, um saber Nietzscheano, dionisíaco." (Huberman, 2018, sem página).

Isto reverbera no meu processo, como feminista, a preocupação em como as mulheres são tratadas no decorrer da história e até hoje, como históricas, e vai de encontro com minha performance no que diz respeito um corpo que quer apagar uma cicatriz no cérebro, o curto circuito, palavra e marca que não se apaga, mas que tem como fazer arte, e poesia, assim como Yayoi Kuzama se reinventa, e produz, me alio à sua Aura, que mesmo que não se possa “apagar”, é possível fazer disso algo que tenha seu lugar no mundo, que produza um saber, a mulher na história da Arte, com suas dores e traumas são convocadas a existirem, e se fizerem presentes, de alguma forma, mesmo que falte algo no cérebro, alguma química, ainda assim é possível se ter integridade. Mesmo que digam: “Você não vai prestar para Nada”

Yayoi Kuzama nos faz interagir com sua obra essa instalação nos coloca dentro da sua loucura, do seu controle, onde Arte é o que move, a imagem o encantamento não nos fecha no quadro, mas reflete ao infinito, expande, amplia, ficamos sem palavras diante de sua obra, explode em milhares de lâmpadas coloridas, sem limites, na imersão de uma outra forma de olhar, sua instalação *Mirrored Room—Aftermath of Obliteration of Eternity* de Yayoi Kuzama é dionísia, de uma poesia “noturno místico”, como diria Gaston Bachelar em sua metapoética.

A Frequência 7.83HTZ de *Femme 7.83 Palavras me dão Asas*, seria talvez a trilha sonora desta obra, uma ressonância que expande, nos desloca. Essa poética do devir, revelam a ponte entre narrativas de curto circuitos, que se valem.

2.10 Duchamp e o corpo como obra de Arte.

—*O corpo só ganha significado no discurso, no contexto das relações de poder. A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade.*”

BUTLER, Judith, 2016, p. 162.

Seria Rose Selavy uma body Art, nos dias atuais? Uma performance? Interessame essa discussão em dois aspectos: 1. o uso do corpo como arte, gênero subversão da identidade, do jogo de palavras, desse travestir feminino, no processo criativo em pleno início do século XX; e 2. como reverbera nos tempos atuais, e em que dialoga com meu processo?

No vídeo *Performance Femme 7.83 Palavras me dão Asas*, essa subversão de identidade de Duchamp tem um poder, tal como tem a Arte, Rrose Selavy se inseriu e transforma em obra, o corpo, tem um discurso, é corpo político, denota relações de poder. Em meu processo estou encontrando esse corpo feminino, descobrindo o devir outro, o poder que este corpo “feminino” tem no Ato da Performance, o que é ser Mulher? Neste meu trabalho, Performar o gênero, esse corpo que denuncia e carrega marcas, a frase escrita no meu corpo, se torna um Ready Made, o jogo de palavras aqui é apagá-las, e ao reescreve-las torna-las Arte, com água e ataduras, ela perde seu sentido em si, expõe, crítica, traz reflexões sociais, e sobre arte, assim como Rrose Selavy.

Marcel Duchamp além de mudar os rumos da História da Arte criando os Ready Mades, deslocando o foco e o olhar sobre o que é a Arte, fomentando discussões, sobre qual o valor de uma obra de Arte? Questões ainda hoje pertinentes, legítimas, que ecoam, de seus trabalhos. Um deles foi criar uma personagem, um alter ego, Rrose Selavy, por volta de 1920, que seria um ready made seu próprio corpo, penso, esta personagem, tinha uma persona, do universo feminino, muito bem-humorada, bem vestida, era uma mulher independente, com comentários afiados, críticos, debochada, sobre a alta sociedade, e crítica de arte. Circulou em alguns lugares vestido assim, e foi fotografado por Man Ray¹⁰.

Rrose Selavy já apresentava no nome um jogo de palavras que significa “Eros, é a vida”, assinou três trabalhos com esse pseudônimo. Além de performar o gênero, Duchamp, levanta discussões muito contemporâneas, como o que é ser Mulher? o que vai de encontro no meu processo de construção de um corpo Feminino, na minha Performance? ele ao mesmo tempo que experimenta essa identidade, se permite conhecer, o poder que esse novo corpo atuante tem, sua potência como artista em uma visão feminina, e “feminista”. Não estaria ele já mostrando que essas questões de gênero, de ser Mulher, eram meramente uma construção social?

O que tento demonstrar através do vídeo *Performance* é como a palavra destrutiva, violenta do Patriarcado, dessa construção social tenta aniquilar o devir feminino, que pode ser construído assim como mostra Rrose Selavy através da arte, em que buscamos hoje desconstruir seu modo operante e opressivo, nesse criativo jogo demarcar e vivenciar o que nos afeta na esfera de poder desta sociedade, é possível sentir-se livre, no processo criativo. Duchamp demonstra bem isso com Rrose Selavy.

¹⁰ Fotógrafo estadunidense.

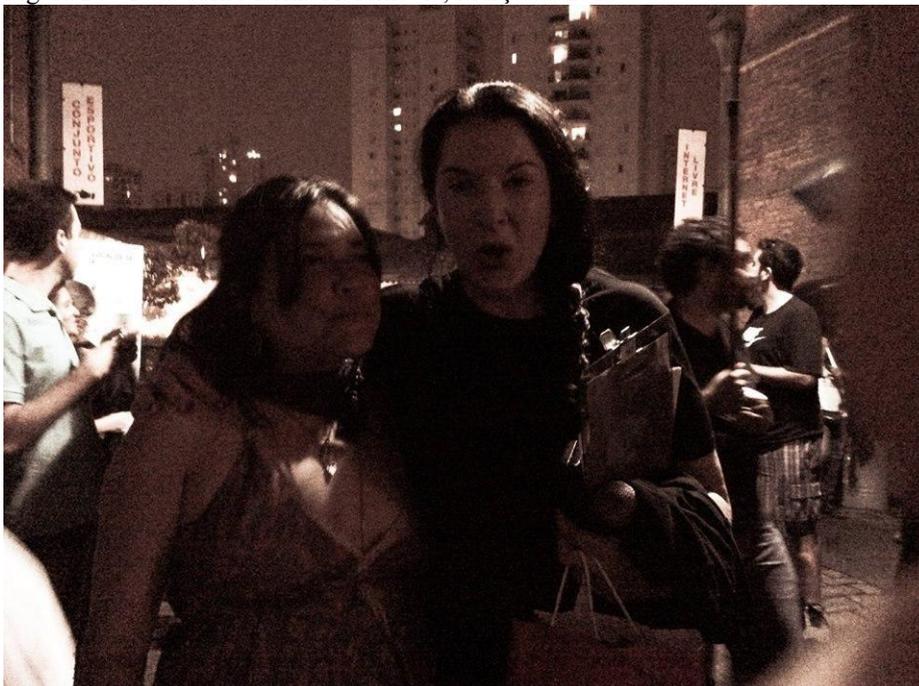
Figura 22 - Rose Selavy, fotografia Man Ray (1920)



Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/7YLJ6K-Marcel-Duchamp-Rose-S%C3%A9lavy>. Acesso em 29 jun. 2019.

2.11 Marina Abramovic

Figura 23 - Foto com Marina Abramovic, Março de 2015



Fonte: arquivo pessoal da autora

Em 2015 eu estava no início do curso de Artes visuais, e já havia ouvido falar da Marina em algumas aulas, que ela era a maior Performer dos anos sessenta e setenta até os dias atuais. Quando fiz minha primeira pesquisa, ainda não estava muito ligada à área

de Performance, pensava que era restrita, e não havia conseguido romper ainda este paradigma.

Quando tive acesso a alguns vídeos de Marina como a Performer em “O Artista está presente”, com a presença da artista, senti-me impelida pelo potente trabalho, e ao saber de sua visita ao Brasil, procurei ir visitar a exposição *Terra Comunal* que reunia o acervo de toda sua carreira.

As performances registradas em vídeos também traziam o método experimental que permitia a participação do público. Tal experimento, denominado por Marina de Método, possibilitava uma imersão como se fosse entrar no estado de Performance, em que por duas horas se podia sentir algo muito interno mental, corporal e sensorial.

Passei por esta experiência e foi muito gratificante, pude conhecê-la pessoalmente e aprender muito convivendo com artistas convidados, das artes visuais, da dança, e do teatro, todos com trabalhos em performance.

Recebi o convite para participar do Workshop e lá encontrei o Professor Paulo Lima Buenoz, que na época ainda não havia se tornado meu professor. Ele era um dos artistas convidados para apresentar seu trabalho a ela.

Esta artista performer me abre os horizontes para sensações profundas no que tange o corpo, e toda sua capacidade de nos vermos como arte e ao mesmo tempo não. Ela trabalha com equilíbrio entre transcendência e imanência, e a aliança aqui estabelecida se dá no campo da sensação, do vibracional, do sensório, dos limites do corpo, que nos permite indagar que corpo é este? Qual a vida, vivida, que pulsa nesse corpo? Que corpo é esse que pede obra? Que necessita ser obra? Perguntas pertinentes que me são necessárias para minha construção como artista da performance.

As experiências transcendentais de Marina me chamam atenção, não por sua transcendentalidade e um equilíbrio de imanência viva, que conduz em meu processo. Suas sensações e buscas. É um território a se explorar, no qual me conecto e vivencio, de estar presente no corpo, ter uma presença, no que ela chamou de “Estado de performance”.

No livro em que Marina Abramovic *Places of Power*, em que ela relata sua aventura pelo Brasil, me intriga e faz perceber, no que converge com meu processo de criação, sua jornada em busca de conexão com a natureza, os elementos da natureza, vistos com olhos sensíveis de uma Artista da experimentação, que não se sente deste mundo, mas se insere nele, usando seu corpo na sua totalidade, operando em desafios; em suas performances de longa duração, onde corpo serve de ponte para algo além dele. alio aqui nesse corpo engajado sem medo, que se deixa atravessar, e atravessa outros corpos, com sentimento de imanar, aquilo que vem pela necessidade de transgredir, tocar, sensibilizar, incomodar, fazer pensar, deslocar.

Suas vivências e pesquisa no Brasil, em busca do místico, o místico do senso

comum, se dá numa busca por si mesma, querendo descobrir de que mundo veio, e através da arte, seu canal está conectado com a dinâmica de ser, seu olhar, seu expressar, a maneira como observa, seu interesse por minérios, por cristais e a ressonância do planeta, e o corpo que se conecta com a frequência 7.83. Ela cita seus conhecimentos de Medicina Chinesa, e o uso das pedras minerais, suas energias, que reverberam em nossos corpos, e em nosso ser, se consulta com um xamã querendo respostas, no qual escuta do xamã que ela tem uma missão: “sua missão é ensinar os humanos a transcender a dor”, essa transcendência pode ser no seu trabalho, vê-se que sua caminhada é solitária, e peculiar, mas que é dividida e abrangente.

O que me toca e me convoca em seu trabalho é a descoberta desse corpo presente, e a permanência e impermanência do corpo, como em *Femme 7.83 Palavras me dão Asas*, as palavras que não se apagam, e das que se apagam, e se vão, da tinta no corpo escorrendo, esse corpo que vive situações onde quer apagar coisas que foram feitas além do tempo, esse corpo que quer apagar o que não se consegue apagar, talvez em busca de cura? o que seria esse apagamento?

A conexão com o trabalho de Marina Abramovic, no sentido de realização, resolução, além das fronteiras do corpo, e vivendo esse corpo, onde não se tem tudo que se deseja, limitado, mas experiências de um corpo, que vive e respira sua singularidade, um corpo onde as palavras não dão conta, além dos signos. A referência nesta Obra de Mariana seriam as sensações, a trajetória do processo em performance, de sentir os elementos da natureza, a ressonância da terra e do corpo serem semelhantes. Meu trabalho tem alguma relação com os de Marina Abramovic, o corpo querendo essa conexão com esse algo maior, potente, a natureza, que sentimos ser maior que o corpo, mas que fazemos parte desse todo, que vai além das fronteiras, cada um tem seu processo artístico, e a finalização e cada forma em que se percorreu e expandiu seu território.

Conhecer Marina foi um marco em meu percurso como estudante de Arte, a partir dali passei a ver a Performance arte com outros olhos, e ao abrir os meus horizontes descobri um novo universo: a Performance na Artes visuais. Foi um encontro que me afetou e me afeta até hoje.

2.12 René Magritte

—*Não há resposta em Minhas pinturas só perguntas*!

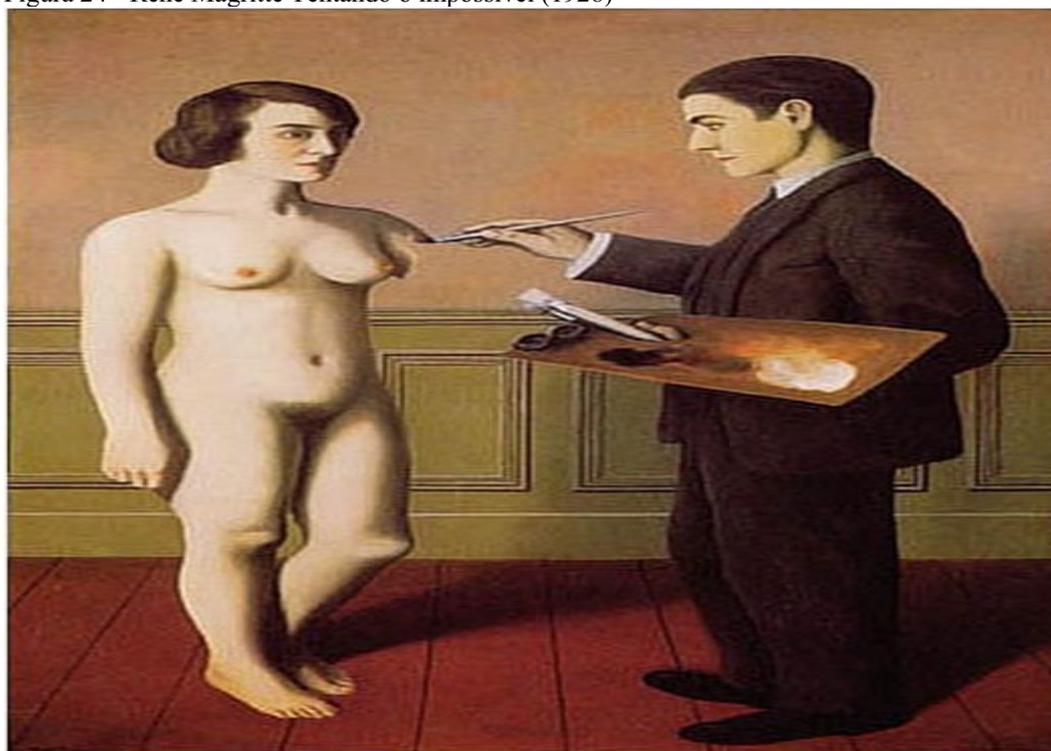
René Magritte, apud BELTRÃO, 2016.

O que há de onírico na aura dessa pintura do Magritte que conversa com o processo pictórico no meu corpo no meu trabalho de Performance *Femme 7.83 Palavras*

me dão Asas? Esta questão é um ponto que enriquece minhas reflexões, sobre até que ponto este autorretrato me afeta, a quebra de paradigmas, a subversão de gênero no surrealismo¹¹, a convergência com parte da pintura em meu corpo nu, em minha performance, e em *Tentando o impossível* de Magritte que também pinta o nu feminino. É um autorretrato sendo representado na pintura, pintando um nu, e este nu seriam os seus desejos reprimidos? Transpostos a um corpo feminino que falta uma parte, está inacabado.

Na performance que realizei pinto boa parte do corpo, eu mesma, escrevendo a frase de várias formas e tamanhos, o ato de escrever em meu próprio corpo me torna um outro corpo, e à medida que não alcanço outras partes para realizar a pintura, preciso de outras mãos que pinte o restante, para pintar o que falta, Como conseguir esse impossível de se ter outro corpo? Será que ele está mesmo pintando? Este outro corpo de que vai ser apagado, ao mesmo tempo dá a sensação de que está se tornando corpo.

Figura 24 - René Magritte *Tentando o impossível* (1928)¹²



Fonte: <http://divasecontrabaixos.blogspot.com/2009/05/tentando-o-impossivel.html>. Acesso em 29 jun. 2019.

Na pintura Magritte está vestindo um terno marrom, segura uma palheta e um pincel e a sua frente um corpo de mulher que ele está criando, com rosto masculino, que é exatamente seu rosto projetado, pintando com seu pincel. A figura ainda está inacabada, estão em um piso de madeira vermelho, com uma parede de fundo num tom pastel. René olha para baixa dando sentido de que está com a intenção de concluir o braço esquerdo. O corpo possui um aspecto andrógono, apresentando a cabeça masculina - sendo a representação de seu próprio rosto - num corpo feminino.

¹¹ Movimento da década de 20 influenciado pelas teorias de Freud da psicanálise.

¹² Pintura 1928 óleo sobre tela, tamanho 105,6x81.

Figura 25 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas (2018) Espaço Criar



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Deixo outros pintarem as partes onde não alcanço, onde não tenho controle, estou de costas, tenho de confiar, é para um objetivo maior, destruir, aniquilar, fazer virar poeira o que tentou apagar este corpo, é uma imagem muito poderosa, de estar de costas, deixar que essas mãos me ajudem que construam esse outro corpo. Assim como Magritte, que consegue o impossível, se reinventar, nos sonhos, talvez, vemos que o impossível pode ser possível.



Figura 26 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas (2018)

Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Eu pinto partes de mim para conseguir tornar outro corpo de mim mesma. O autorretrato de uma cartografia sentimental, e René Magritte e sua pintura tentando o impossível, me propiciaram essas reflexões, um dever da essência que parece inalcançável, mas que está aqui o tempo todo presente.

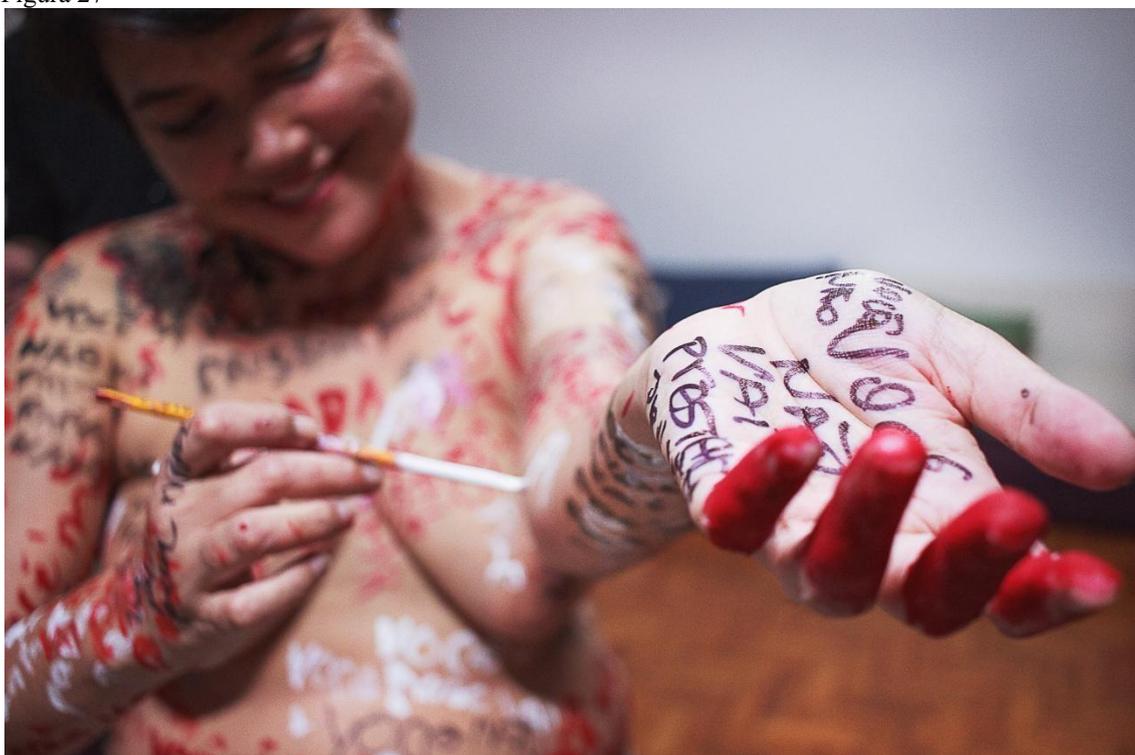
Figura 26 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas Ateliê Bar (2018)





Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 27 -



Fonte: Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

2.13 O feminismo em minha performance

—*Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro.*‡

BEAUVOIR, Simone de, 1960.

Este corpo feminino em construção e desconstrução, no meu processo em Arte, remetendo a Body Art dos anos 1970 e da performance arte, em que o corpo feminino é um corpo exposto, posto, falando de si em si mesmo, mas com meu olhar voltado para o presente. No meu trabalho de vídeo *Performance Femme 7.83 Palavras me dão asas*, esse corpo quer existir. Do francês *Femme*, não de *Femme fatale*, mas existindo dentro da fatalidade, da violência verbal do patriarcado, é político, em sua ação de seus movimentos, e a busca de lavar, “apagar” tais palavras, marcas carregadas nesse corpo, que geram mais marcas, seu discurso de uma narrativa alinear, com recortes lineares, do simbólico. Visto que política é Discurso. Em *Performance* esse corpo tem uma potência de uma retórica, que clama “Eu existo” “Eu presto”, lutando para não ser apagada, apagar o inapagável, parece que com a Arte as marcas do que se torna palpável, gerando outras marcas, nuances de camadas dessas marcas.

A poesia se torna algo que ecoa como pano de fundo, o corpo não é só uma tela, é discurso, é denúncia da frase “Você não vai Prestar para nada”. Esta pesada e violenta fala é tão arraigada no patriarcado, ditames que tentam minar, destruir apagar, toda a potência desse corpo feminino. Procuro transformar em poesia e arte, ser representativa, e busco nesse afetar meu espaço de fala, de ser ouvida, e de lacrar feridas.

Partindo do pressuposto de que “não se nasce mulher torna-se mulher” (BEAUVOIR, Simone de., 1949), remeto ao meu vídeo *Performance*, no qual questiono a existência e sua imanência, em que o corpo feminino existe através de um gestual artístico, em estado de *Performance*, que é lavar com ataduras as palavras, retirando do corpo tanto quanto possível a frase maldita, e com isso, esse “tornar-se”, o corpo feminino vai surgindo. Mas eis que reescrevo a frase novamente seriam os condicionamentos do patriarcado, sistema hétero fálico se impondo, ou a tentativa de criar um novo corpo mesmo reescrevendo a frase: “Você não vai prestar para nada” que me condiciona a ser este feminino programado.

Não se trata aqui só da imposição de sermos um molde fiel do que seja mulher, trata-se, na minha obra, de uma resposta a estas frases, à estas imposições e limitações simplesmente por ser mulher. Não tivemos grandes artistas na história da arte? Por quê?

“E se Picasso tivesse nascido menina? Teria seu pai estimulado a mesma ambição de sucesso na pequena Pablita. (NOCLIN, Linda, 2016, p. 18. Por que não temos grandes mulheres artistas destacadas na história da Arte?)

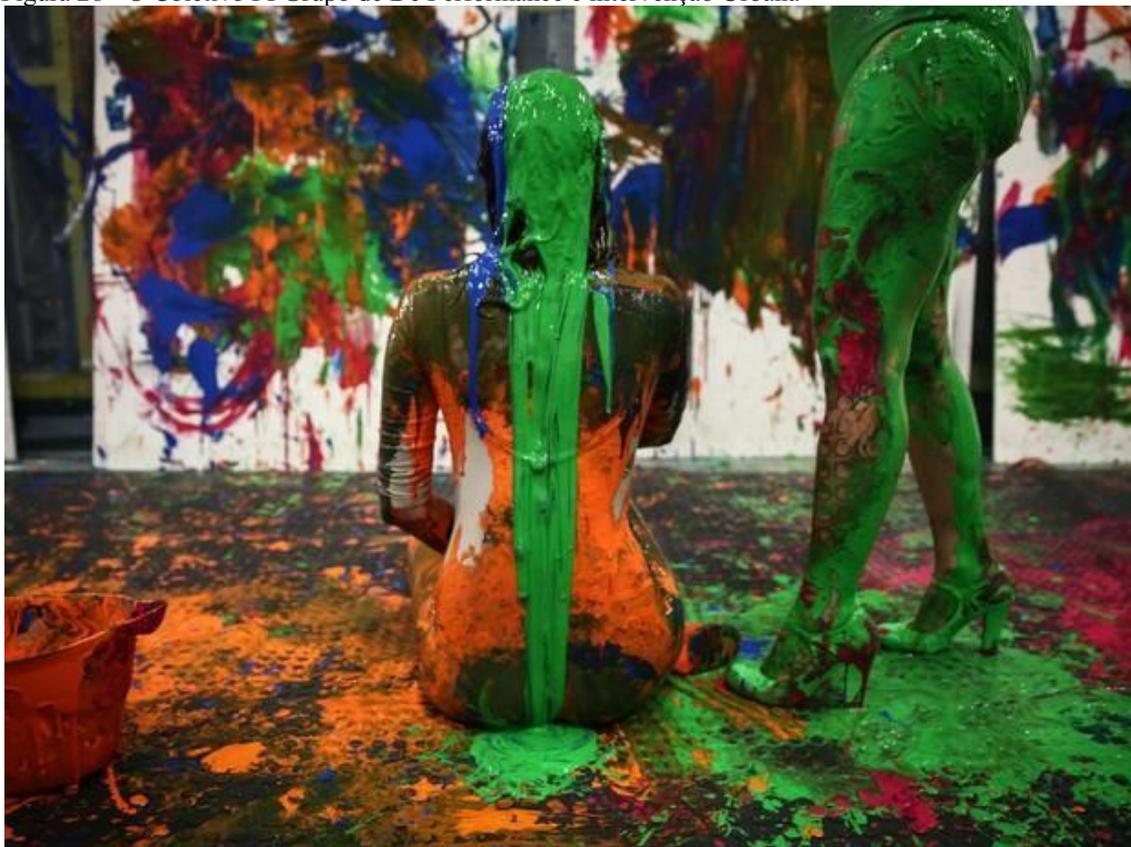
O patriarcado, ao perceber que este corpo feminino, de algum modo demonstra um mínimo que possa não se encaixar nos moldes normativos, age usando uma violência sutil por meio de palavras que inferiorizam e humilham, é uma violência falocêntrica, arraigada na sociedade em seu pior aspecto. É um modo de apagamento, execução, extinção, desse “tornar-se Mulher” suprimindo a liberdade natural que seria construída de outra forma.

Para que este corpo feminino possa ser a “mulher” a se encaixar, e não parecer “tão inferior” há um “desespero” em se afirmar, que este corpo existe, e ele presta, mesmo que seja nos moldes ditados do normativo, o feminismo nos vem mostrar isto, desconstruir este ideológico corrompido, imposto pelo patriarcado, desse tornar-se Mulher. Em meu trabalho esse é um clamor, mesmo que reescreva a frase infame, elas mostram que ainda hoje existe esse patriarcado aniquilador do gênero em construção, é uma continuidade ainda nos tempos atuais, vindo de uma ancestralidade, e que precisa ser mudada.

Antigamente mulheres eram acusadas de Bruxaria, queimadas, torturadas, vistas como instrumento do demônio, não eram dignas de existência. A queima de mulheres, consideradas bruxas, na fogueira era representativo de uma misoginia disfarçada de religiosidade, pautada nos discursos dos “homens de bem” (MALEFICARUM).

Este corpo no meu vídeo Performance, “Femme” é corpo político, que carrega esta frase abjeta, vil. Não tendo medo de escrevê-las no corpo, expondo. Uso a água para lavar, uma forma simbólica de proclamar, hoje não somos mais queimadas vivas, mas existe ainda uma misoginia, machista, uma tentativa de aniquilação das mulheres e apagamento das potências femininas, tentativa em controlar o “descobrir-se mulher”, o “tornar-se mulher”, livre de convenções, da norma. Meu corpo como obra, é denúncia, é poesia e Arte política.

Figura 28 - O Coletivo PI Grupo de De Performance e intervenção Urbana



Fonte: <https://crisbortolossi.wordpress.com/tag/o-coletivo-pi/>. Acesso em 29 jun. 2019.

Encontrei também em minhas pesquisas, um trabalho de performance que se conecta em alguns aspectos com meu trabalho. São mulheres Brasileiras, radicadas em São Paulo, que fizeram uma ação em que pintam o corpo com tintas bem coloridas, e tem um viés feminista militante. Além deste trabalho, também encontrei um clip recente de Gal Costa chamado Palavras no corpo, em que são representadas pessoas escrevendo diversas palavras no corpo.

Figura 29. Gal Costa Palavras no corpo.



Figura 30 –



Fonte: <https://crisbortolossi.wordpress.com/tag/o-coletivo-pi/>. Acesso em 29 jun. 2019.

2.14 Gina Pane Action Sentimental

—*Há no Brasil uma enorme confusão, sobre os tipos de violência. Usa-se a categoria violência contra as mulheres, como sinônimo de violência de gênero*

SAFFIOTI, Heleieth., 2015

Figura 32 - Action Sentimental Gina Pane- 1973



Fonte: BENTO, 2017, p. 17.

A fotografia reproduzida acima se deu na Galeria Diagramma, em Milão, Itália, em um momento que a artista convidou apenas mulheres para assistir à sua apresentação. A entrada do evento trazia os escritos: *Dedicated to woman by a woman*.

A performance, além de falar do contexto político e cultural de sua época, fala de sentimentos íntimos. A lâmina é para mostrar uma dor, expõe o sofrimento daquilo que não era visível, a sexualidade. Gina Pane, ao fazer este gesto de se cortar, torna necessário o despertar. Há aqui uma confluência com a minha obra pois o corpo que está posto em meu trabalho vai se afirmando à medida que lava e reescreve as várias camadas, nuances que vão acordando, deixando as marcas, se abrindo para o amor mais livre.



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.
 Figura 33- Femme 7.83 Palavras me dão Asas

Em preparação para o vídeo performance, testando as tintas no corpo, foi feita esta foto. Ainda não conhecia o trabalho de Gina Pane e ao encontrá-lo durante as pesquisas, senti reverberação em alguns aspectos do meu trabalho, esse gesto fotografado ao me preparar para a performance me fez querer olhar mais perto seu trabalho e foi então que senti que *Action sentimental* me afetava e me fazia pensar em que ele se relaciona com o meu.

Em *Femme 7.83 Palavras me dão asas*, não há auto- mutilação nem cortes com lâminas como em *Action sentimental*, de Gina Pane. Apesar disto, as imagens das fotografias de sua ação, ou Body art como a artista preferia chamar, em que conversam com meu trabalho hoje?

Figura 34- Femme 7.83 Palavras me dão asas 2018 Registro Thiago Paulino



Figura 35 - Action Sentimental Gina Pane- 1973



Fonte: BENTO, 2017, p. 17. Figura 32 - Action Sentimental Gina Pane- 1973

Os cortes, os espinhos, cada ação calculada e até desenhada, é uma crítica a uma sociedade anestesiada, apática, da masculinidade agressiva. Gina quer libertar esse corpo feminino, quer ser livre e é aqui que se dá o encontro com a minha obra, pelo conceito, os cortes a automutilação atordoante, para que algo desperte, o corte com a gilete, o sangue que escorre, num masoquismo poético, que desperta um corpo feminino, os espinhos cravados no braço até o pulso. O ponto de convergência com a minha obra, seriam as palavras que carrego como marcas e que lavo e reescrevo novamente, convergem onde a ferida é exposta, para que essa liberdade de gênero aconteça, em todos os sentidos: a tinta que escorre quando reescrevo novamente em meu corpo é como sangue escorrendo por que dói apagar e reescrever uma frase que não acredita em sua existência, aqui tem um corpo se abrindo para o mundo, chamando a atenção para uma sociedade violenta e machista.

Figura 36 - Action Sentimental Gina Pane- 1973



Fonte: BENTO, 2017, p. 17.

Carregado de simbolismos, dor, significação, delicadeza singular, uma busca em defender a mulher marginalizada. As rosas brancas neste momento, a roupa toda branca, significa uma crítica a pureza religiosa, e dos ritos que a sociedade impõe pelo patriarcado hipócrita, que dão flores em busca dessa pureza. Mas quanta dor escondida, quantos espinhos promovem o aniquilamento feminino, este corpo que quer ser. Na primeira parte da Ação de Gina, ela usa um buquê de rosas vermelhas, antes se ferir com espinhos, a ferida fica exposta, as fotografias nos dão uma visão estética, e reflexiva, dessa anestesia, que nos atenta para os dias de hoje, dessa violência existente banalizada, que ainda busca por libertar este corpo feminino, dos tipos de violência: silenciosas, psicológicas, pelo qual esses corpos femininos passam todos os dias.

Figura 37- Femme 7.83 Palavras me dão Asas- 2018



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Na foto acima, estou me preparando para a Performance, já em um início de sentir essa tinta na pele, em um estado de atenção, de corpo poético entrando e sentindo esse corpo que me convoca a liberar, despertando, como Gina Pane, a partir de feridas, esse corpo feminino onde será denuncia e poética, estético, político, lavando esse corpo das marcas, memória dos afetos, e das sensações, que não cabe em si e pede obra.

Meu trabalho se entrelaça em algumas nuances com o de Gina Pane, em alguns tons, e vibrações, de expor a dor, e ser livre, como um novo horizonte do que seja ser feminilidade. E de denúncia a uma invisibilidade lésbica.

2.15 Action Psyché

Uma imagem de outro trabalho de Gina Pane que acredito ser bem próxima e que conversa, em parte com uma imagem do meu trabalho é *Action Psyché*, nele Gina está vendada com furos na venda onde ela se auto machuca nos cílios para chorar lágrimas de sangue, numa ação narcisista, mas de liberação, registrada por 25 fotografias, onde ela marca com esse sangue das lágrimas, sua barriga fazendo parte das fotografias também, aqui a relação com uma imagem apenas do meu trabalho, um recorte, as imagens dialogam entre si, pela exposição dessa dor, eu em início da performance, pronta para a ação com os olhos vendados, no escuro, no inconsciente, internalizo, me descobrindo, este corpo querendo ser livre do poder patriarcal, esta dor querendo ser liberada, estas duas imagens estão num processo de um corpo imerso, o meu corpo no feminismo de agora expõe uma violência, mas estou vendada não quero olhar para essa dor, reivindicando para si, sua existência e representatividade. Na imagem de Gina ela solta o ar abrindo os lábios, como um grito, sua dor é para fora, em minha imagem estou com os lábios fechados em silêncio, me calo o que carrego no corpo já diz tudo.

Figura 38 - Action Psyché Gina Pane (1974)



Fonte: <https://london-photography-diary.com/gina-pane-detail-of-action-psyche-essay-1974-set->

Figura 36 -



Figura 39-Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

2.16 Colette

Figura 40 - Sidonie Gabrielle Colette Colette on the stage of La Chair 1907



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=Sidonie+Gabrielle+Colette+++Colette+on+the+stage+of++La+Chair+1907&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKewikjMip7pHjAhX6GbkGHdlpBiMQ_AUIECgB&biw=1242&bih=597#.

A escritora do início do século, Sidonie Gabrielle Colette fez várias apresentações de dança e ações que para época era um escândalo. Muito livre, saiu de um casamento cheio de traições do marido, além dele assinar suas obras de romances muito lidas na Paris da Belle Époque, Colette foi um dos maiores exemplos de feminismo em sua época, chegando ser citada por Simone de Beauvoir. As duas eram contemporâneas, e há quem diga que Simone se inspirou em *A Vagabunda*, livro de Colette, como um exemplo de tornar-se mulher com sua independência, livre para se expressar como queria em sua arte, seus livros - suas heroínas refletiam como a mulher podia ser, era muito ousada, também para a época com seus amantes, sendo homens ou mulheres. Creio que ela converge com meu trabalho ao apontar um feminismo libertador por ser escritora, e por fazer algumas ações com seu corpo em locais públicos. Sua literatura, até hoje, provoca uma busca pela mulher livre de convenções sociais, do casamento e tradições do patriarcado.

2.17 O mito de Pandora - “Você não Vai prestar para nada”

Figura 41 – o mito de Pandora – John William Waterhouse, óleo sobre tela (91x152cm), 1898



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/caixa-de-pandora/>. Acesso em 30 jun. 2019.

Zeus Cria a mulher para se vingar de Prometeu (Deus que criou os homens, significava aquele que vem depois, o prudente), irmão de Epmeteu (este representava aquele que vem depois, o imprudente). Prometeu, para trazer desenvolvimento para os homens que havia criado no mundo, roubou o fogo dos céus que era cuidado por Hefesto, Zeus furioso para se vingar, cria do barro uma mulher de nome Pandora aos moldes do homem, porém, com corpo feminino, e com atributos dos Deuses.

A semideusa recebeu de Afrodite a beleza e a sedução, de Hermes a astúcia, de Apolo o poder da música, de Atenas a Inteligência racional, e de Era em conluio com

Zeus, a Curiosidade. Aos olhos de Zeus estava criada a mulher mais perfeita, seu plano era de que ela seduzisse o irmão de Prometeu o imprudente, que ao vê-la se encantou. Se apaixonaram e se casaram, tornando-se o primeiro casal, homem mulher da Terra que viviam em harmonia nestes tempos.

Pandora trouxe uma caixa que ganhou de presente dos Deuses. Hermes lhe trouxe uma bela caixa e avisou que ela nunca abrisse, porém, com o passar do tempo, apesar da felicidade dos dois, Pandora, tomada pela curiosidade abriu a caixa, de onde saíram todos os males, as doenças, a velhice, o sofrimento. Ao perceber o que havia feito, fechou rapidamente a caixa, restando dentro, uma única coisa: a Esperança. Como Nietzsche afirma “A esperança é o derradeiro mal; é o pior dos males, porquanto prolonga o tormento”¹³, também se tem o dito popular de que a esperança é a última que morre.

Estabeleço, a partir deste mito, uma relação com a frase presente no meu trabalho “você não vai prestar para nada” questionando se este corpo de Mulher, que não vai prestar para nada, não é um dos grandes males deste mundo. Por que a mulher aqui é a que traz todos os males do mundo? Criada para destruir e trazer sofrimento para humanidade, não muito diferente da Eva Bíblica, esta mulher que não vai prestar para nada, seria como Pandora que vem trazer os males do mundo. Isso não passa de um mito patriarcal, para controle dos corpos femininos, onde ainda a mulher luta para existir.

2.18 A experiência de fazer a performance em público

Femme 7.83 foi apresentada para um público ao vivo, inspirada na Performer brasileira Berna Reali¹⁴ que gosta de fazer suas performances na rua, sair das galerias e levar para o público algumas provocações, indo para as ruas ou lugares muito inóspitos como bares. Fiz duas apresentações, uma no Ateliê bar cultural, e outra no Espaço criar, em Uberlândia. A recepção ao vivo foi peculiar, alguns se espantaram por eu estar nua inicialmente, mas quando viram o teor da Performance e sua profundidade, nem repararam mais que estava nua, a nudez aqui tanto ao vivo como no Vídeo Performance se torna pano de fundo, não é tão percebida, devido ao ato de se ler a frase, e ver sendo apagada e reescrita, tive uma resposta direta do que sentiram.

Após a Performance muitos se identificaram com a frase escrita no corpo, diziam que também, escutaram palavras que marcaram, que custaram sair, Outro me disse que sentia um alívio quando eu lavava, mas que não entendia por que eu reescrevia de novo.

¹³ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjUxNDM/>. Acesso em 30 jun. 2019.

¹⁴ Artista performer e criminologista, do Belém do Pará.

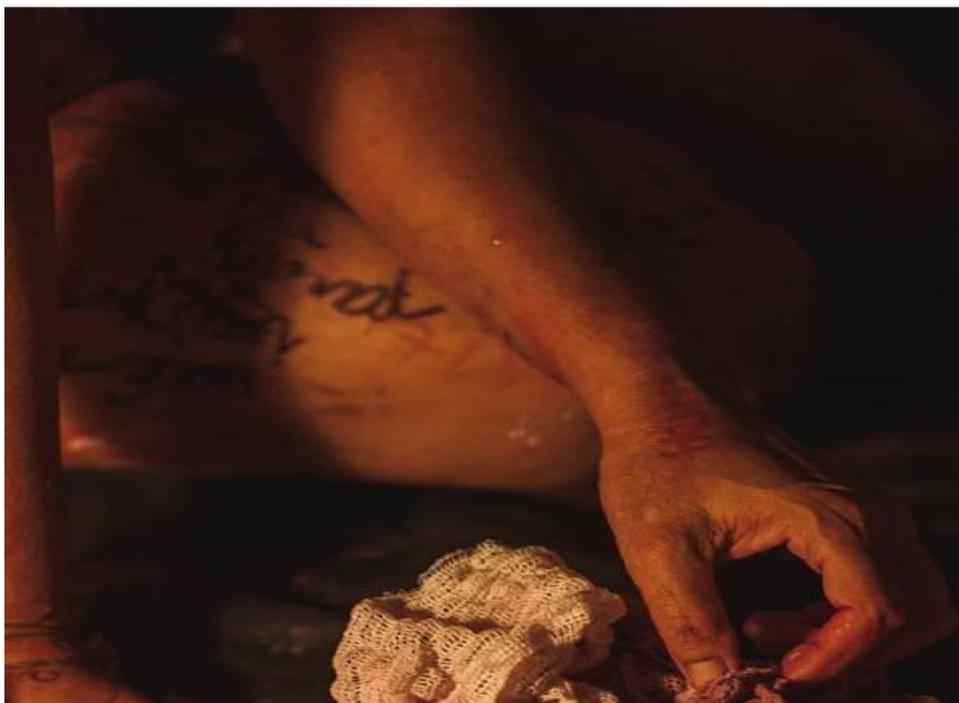
Senti que o Vídeo performance veio em primeira instância, e que a performance feita ao vivo é secundária, como um desdobrar de filmagem, fotografia (registro) ou foto performance, e a performance em si sendo apresentada.

Figura 42 – Ateliê Bar



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 43 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas Espaço criar (2018)



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 44 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas Espaço Criar (2018)



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Figura 45 - Femme 7.83 Palavras me dão Asas Ateliê Bar (2018)



Figura 46 Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

3 DESDOBRAMENTOS

Figura 47 - UFU campus Santa Mônica Meditação no Portal da UFU (2017)



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

Para Ateliê de escultura a professora Tatiana Ferraz que me deixou, com muita flexibilidade, fazer como trabalho de final de semestre uma ação performática sem necessidade de fazer uma escultura, desde que eu fizesse um trabalho onde delimitasse tridimensionalidade (no caso corpo e espaço). Realizei este trabalho com meu corpo, em local público. Tinha relação com performance e meditação que prático.

Minha concepção era usar este espaço e meu corpo como escultura, no arco de entrada do *Campus* da Universidade Federal de Uberlândia, UFU-Santa Mônica. Lugar muito visível, pois, está localizado na entrada da Universidade, em um mirante em frente à uma das avenidas mais movimentadas da cidade, a João Naves de Ávila.

Dali se tem uma vista bonita do nascer e do pôr-do-sol, uma passarela por onde passam poucas pessoas, que nos permite observar o movimento embaixo. Ao longo do dia, várias pessoas sobem ao portal para observarem o pôr-do-sol. Pensei então em fazer uma meditação ali.

O convite foi feito nas redes sociais, direcionado a todos estudantes, que passam pelo *campus*. A ideia de Corpo escultura, o tridimensional ocupando esse espaço, trazendo para este lugar um outro significado, de encontro e de contemplação deste espaço, e com a meditação que ao meu ver já prenunciava a performance ainda não era o corpo de Performance mas algo já se preparando para chegar ao estado de

Performance, que, a meu ver, é muito próximo de Mindfulness (atenção plena).

Muitas pessoas apareceram por verem o convite nas redes sociais, e puderam sentir essa presença de corpo e espaço. Fiz este trabalho duas vezes como exposição final de Ateliê de escultura.

Figura 48 –Meditação no Portal da UFU



Figura:49



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

A experiência que tive ao realizar a Performance foi uma sensação de pertencimento, de um lugar seguro para desenvolver algo como ação mesmo que fosse incômodo. Estava ali cem por cento presente, era como escrever poesia, estava em casa, sentia todos ao meu redor, como se meu corpo abarcasse tudo, indescritível este estado de totalidade, me lembrando muito a prática de Mindfulness (atenção plena) este estado de performance, com a diferença que em Mindfulness você se internaliza com seu próprio eu apenas, a percepção de tudo ali fica mais aguçada e se tem um momento a sós com o todo. Já no estado de Performance pode-se sentir todo esse processo de internalização, é um corpo em estado totalmente presente envolvido em uma ação que

irá contar ou não uma história, narrativa linear, ou não narrativa alinear, esse corpo que faz essa ação, num estado mais potente, de se afetar e de afetar outros corpos, o estado de Performance é do interno para o externo, em que me sento plena, livre para o corpo criar, movimentar e ser, e multiplicando isso para quem vê, claro que cada corpo se afeta de uma maneira, penso em uma pesquisa pedagógica.

Fazer um projeto como professora de Artes e Mindfulness, elaborando um curso de Performance usando Mindfulness, onde os dois se potencializam juntos, como uma aula de descoberta gerando autoconhecimento, da percepção do corpo, do ser interno como atenção plena, e na Performance o que nos afeta e o que afeta o outro. Este projeto pedagógico ainda está em experimentação e pesquisa, mas já tenho difundindo na disciplina de estágio III e apresentei ele em uma escola pública.

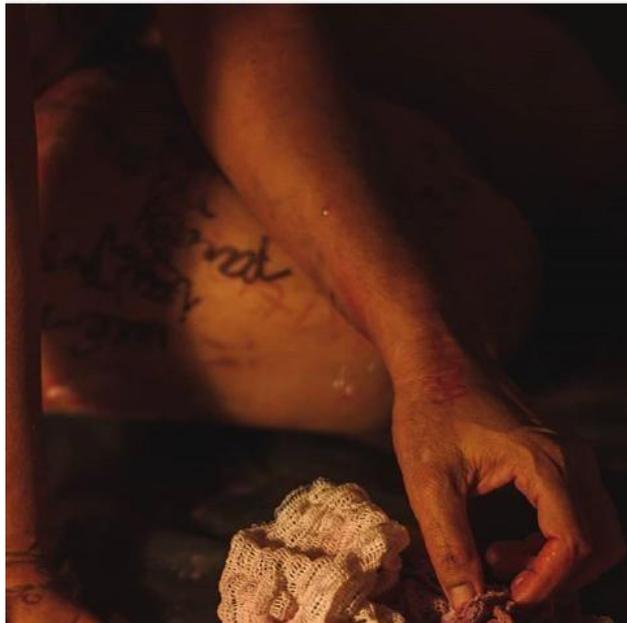
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*" É notável que toda obra de fôlego
pelo qual um indivíduo
se institui entre uma sua categoria
É ao mesmo tempo obra de emoção
e de pensamento, contém
Tanto uma forma de arte
como uma fórmula de filosofia"*
PESSOA, Fernando, 1996, p. 358.

Escrever este trabalho foi desafiador. Contar todo o processo e falar da minha própria obra. Procurei mostrar minha trajetória no curso de artes e de como alguns caminhos foram me levando e me trazendo escolhas, descobertas aprendizado. Arte para mim é tão importante quanto comer, é uma necessidade básica. Busquei mostrar também, além da jornada, aqueles em quem me inspirei, os recortes que fiz que dialogam com a minha obra. A poesia é meu ponto de partida como um cais de um porto onde tem pôr-do-sol e gaivotas revoando livres, paisagem de mim; arrisco aqui um bocado de filosofia.

Femme 7.83 Palavras me dão Asas é um trabalho que marcou minha trajetória, e é ainda só o início, que venham novas marcas que elas se multipliquem me tornem cada vez mais Mulher.

Figura 50 -



Fonte: arquivo pessoal da autora. Créditos da imagem: Thiago Paulino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARUCH SPINOZA (1632 - 1677). Disponível em:

http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=72. Acesso em 29 jun. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão. Européia do Livro, 1960.

BENTO, Idália Cristina Lopes. Análise síntese da obra de Gina Pane. Mestrado em animação e intervenção artística, escola superior de educação e ciências sociais de Leiria. **Cadernos de estudos da Arte**, jan. 2017. Disponível em:

https://www.academia.edu/31140411/AN%C3%81LISE_S%C3%8DNTENSE_DA_OBR_A_DE_ARTE_DE_GINA_PANE. Acesso em 29 jun. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

CABENNE, Pierre.; DUCHAMP, Marcel. **Engenheiro do tempo perdido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

DELEUZE, Gilles.; GATARRI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: ed. 54, 1997. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol4.pdf>. Acesso em 29 jun. 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2018.

GAZZILLO, Agata. **Nowhere and everywhere, at once - Yves Klein**. RedMilk, nov. 2016. Disponível em: <http://redmilkmagazine.com/2016/11/nowhere-and-everywhere-at-once-yves-klein/>. Acesso em 29 jun. 2019.

GREENAWAY, Peter. **Orgia visual para os amantes das artes**. In: Será sempre uma construção transitória, canibalismo, registro e erotismo. Out. 2013. Disponível em:

<https://serasempreumaconstrucaotransitoria.wordpress.com/2013/10/26/o-corpo-e-um-al/>. Acesso em 29 jun. 2019.

MALEFICARUM, M. **O martelo das bruxas**. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/malleus-maleficarum-portugues.pdf>. Acesso em 30 jun. 2019.

MEIRELLES, Cecília. **Viagem**. Obra poética. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: editora Aurora, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acesso em 29 jun. 2019.

O ABECEDÁRIO DE DELEUZE. São Paulo, domingo, 30 de maio de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3005200405.htm>. Acesso em 29 jun. 2019.

O livro de cabeceira. Direção: Peter Greenaway. Reino Unido/França, 1996. 1 filme (126 min), son. color. Fonte: <http://multiplotcinema.com.br/2011/11/o-livro-de-cabeceira-peter-greenaway-1996/>. Acesso em 29 jun. 2019.

OSTROWER, FAYGA PERLA. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto interpretação**. Lisboa: Ática, 1996.

ROLNIK, SUELY. Pensamento, corpo e Devir. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

SOFFIOTI, HELEITH. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão popular, 2015.

UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1, 2012.